



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI
PROGRAMA INTERDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE - PIPAUS



Área de Concentração: Interdisciplinar

Poéticas Artísticas e Socioculturais: Espaço, Memória e Tecnologias.

Linha 2: Processo de Difusão: Popularização, Educação e Aplicabilidade.

Corpografias no manejo urbano, o ambiente como meio de comunicação.

Corpographia in urban management, the environment as a means of communication.

Mestrando: André Lopes dos Santos

Orientadora: Dra. Fernanda Nascimento Corghi

Co-orientador: Dr. Paulo Henrique Caetano

São João Del Rei, Fevereiro de 2024.

Resumo:	3
1 - Introdução	4
.1- Corpografias, materialidade da pesquisa	20
.2- O ambiente como meio de comunicação	23
2 - Envolvimentos	30
.1- Araçá, o urbanismo tático no Programa de extensão Parque-Escola Chacrinha	30
.2- A extensão como espaço ao desejo: O planejador-educador no manejo de São João del-Rei	45
.3- Capoeira patrimônio cultural imaterial da humanidade, um dispositivo de saber popular afro-brasileiro	69
3 - Esperas	80
Referências bibliográficas	82
Lista de figuras	85
Lista de abreviaturas	87

Belo Horizonte, Fevereiro de 2024.

Resumo

A partir do entendimento de que a arte/ciência está atrelada às formas de ver e mexer no mundo, tratamos em uma leitura holística dos dispositivos de saber envoltos na vivência de mundo do autor, em uma análise de sincronidades como modo de compreensão e manejo da complexidade que se desdobra aos nossos olhos. Partimos do Programa de Extensão Parque-Escola Chacrinha, para tal leitura desenvolvendo dois artigos: o primeiro trata de uma ação continuada no bairro Araçá, São João del-Rei, que articulou diversos atores e instituições por meio do urbanismo tático no experimento da cidade como obra; o segundo, parte da cartografia afetiva para traçar os movimentos rizomáticos do planejador-educador e encontrar vestígios das ações na instituição e sujeitos. O terceiro artigo, sai do âmbito da instituição pública de ensino e se envolve na capoeira como patrimônio imaterial e dispositivo de saber popular, para lição de corpografia. Apontamos a uma articulação entre dispositivos de sistemas sociais, a partir da interação com o lugar, que ressalta a importância do encontro entre modos de vida para ampliação de percursos e revitalização de ambientes.

Palavras chave: dispositivos de saber, planejador-educador, corpografias, cidade-aprendiz, lugar.

Abstract

Based on the understanding that art/science is linked to ways of seeing and moving in the world, we deal with a holistic reading of the devices of knowledge involved in the author's experience of the world, in an analysis of synchronicities as a way of understanding and managing the complexity that unfolds before our eyes. From the compilation of articles produced throughout the research, we started from the Parque-Escola Chacrinha -UFSJ extension program, developing two articles: The first deals with a continued action in the Araçá neighborhood, São João del-Rei, which brought together several actors and institutions through tactical urbanism in urban revitalization. The second, starts from affective cartography to trace the rhizomatic movements of the planner-educator and find traces of actions in the institution and subjects. The third article leaves the public educational institution and gets involved in capoeira as an intangible heritage and device of popular knowledge, for a corpography lesson. We point to an articulation between devices of social systems, based on interaction in place, which highlights the importance of the encounter between ways of life to expand paths and revitalize environments.

Keywords: knowledge devices, planner-educator, corpographies, apprentice-city, site.

1 - Introdução

A situação em que nos vemos, de conectividade imediata de informações entre seres humanos em distintos pontos do globo, colocam a simultaneidade de eventos e acompanhamento de processos em vários níveis de análise acessíveis. Esse fenômeno, aumenta as possibilidades de controle dos meios de produção por ordens distantes, porém, conecta diferentes modos de fazer e suas implicações na paisagem. De nossa condição humana, os saltos e desvios que geram outros ciclos de produção e reprodução da vida, dependem da reinvenção a partir do agora e com o que se tem a cada ciclo. Não à toa, cada vez mais são observados e analisados os movimentos socioambientais e suas implicações no lugar e no globo.

Desse infinito de possibilidades que se desvenda no ser entre a imensidão dos astros e minúsculas partículas, a condição humana necessita da pequena/grande terra como chão para manutenção da vida nos outros passos que a humanidade possa dar. Desde antes, nos vários ambientes em que esses corpos sem garras, pelagem ou presas específicas a determinada tarefa chegaram, gestaram vários modos de fazer e se relacionar. Compreender padrões no meio e ainda transferir essas informações a gerações futuras, foi o que espalhou as diversas culturas existentes, ora mais, ora menos apagadas no presente.

Na busca de formas para manter sua presença e transmitir os conhecimentos e recursos de uma sociedade, são utilizados objetos e ações em determinada situação (SANTOS, 1996), que permitam a reprodução e fruição da vida. Porém de tempos em tempos, são ocasionados desvios que permitem ou exigem a quebra daquele ciclo em outro modo de produzir e se relacionar, sempre interagindo com os modos pré-existentes, porém sempre os negando e implantando outra razão.

O desafio posto da comunicação para arranjos justos, no contraditório contexto de globalitarização¹ e preservação do ecossistema terrestre, parte de cada lugar na produção de

¹ Expressão cunhada por Milton Santos, que agrega ao conceito de globalização a noção de totalitarismo.

futuros possíveis, da situação de reviravoltas atuais no necessário manejo de ambientes urbanos/humanos².

Dada a complexidade dos históricos movimentos sociais, nestes vários níveis de análise e realidade observáveis simultaneamente, o caminho traçado para manejo de algo tão efêmero/eterno que é o agora, parte do ambiente como algo vivo onde a efemeridade das relações se amplia com os meios de comunicação. A partir da tão sonhada busca pela compreensão, expressada nas artes e ciências, a cultura urbana tudo mistura com o uso de informações compartilháveis para diversos agentes, em tempo real e sem desgaste com o uso do conteúdo. Porém, o desafio de convivência e aprendizado a outros modos de fazer, acaba sendo uma cooptação para controle de territórios.

A percepção de sabedoria/ignorância é um aspecto que contribui para as relações de poder realizadas entre diferentes sociedades, como a colonização, escravidão, globalização ou outras que permitam o controle de determinado território por ações e objetos específicos (SANTOS, 1996). Trataremos aqui dos dispositivos de saber³ na conformação do ambiente urbano de Minas Gerais - Brasil, com passagens pelas cidades de Ouro Preto, São João del-Rei e Belo Horizonte, no presente desafio de ativação de processos democráticos. Frente aos sistemas de ações e objetos implantados no lugar, com vestígios de outros sistemas e possibilidades do devir, a leitura e atuação a partir de dispositivos permite a interação com o movimento, por meio de arranjos entre sociedades na formação urbana brasileira, ao olhar para trás para projetar e fazer a frente em comunidade.

Frente ao manejo da terra numa colônia extrativista, a contextualização do corpo no espaço-tempo de quem vos tecla, auxiliará na compreensão da perspectiva de lugar para tratarmos da temática de ambientes como meio comunicacional:

² O urbano, segundo Lefebvre, tem como horizonte o projeto da realização da sociedade, isto é, a revolução urbana é o horizonte aberto gerado pelo encontro, negativo à sociedade urbana capitalista impositiva de ações.

³ Segundo Deleuze, dispositivo “É antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras.(...) Por isso, as três grandes instâncias que Foucault vai sucessivamente distinguir, Saber, Poder e Subjectividade, não possuem contornos definidos de uma vez por todas; são antes cadeias de variáveis que se destacam uma das outras.” (DELEUZE, 1999, p.83)

-Tupiniquim?

-sim.

-Maxacali?

-não sei...

Da narrativa apresentada nas instituições de ensino formal dos anos 90 até os anos 2010, nos ciclos fundamental e médio da história brasileira, citar os povos originários com representações de seus corpos e lugares, como distantes era só o que podiam, ou tinham para oferecer em uma ou duas aulas ao longo do ano letivo. No restante do tempo eram apresentados os 500 anos de Brasil, da perspectiva ocidental com seu objeto de poder/saber sobre a memória como a escrita, livros, pinturas, mapas e no ambiente escolar confinado das salas de aula. A infância dessa geração conviveu com outros recentes objetos fora das salas de aula que disputavam a atenção das crianças, como a televisão e computadores, recheados de conteúdos voltados ao público infantil.

Dos antigos meios de comunicação e saber decifrados pelos professores aos alunos, foi tornando palatável a dura colonização brasileira, forjada a ferro e sangue. Nascido e criado em uma das veias abertas da América Latina, cujo nome do continente foi em homenagem a um homem, descobridor/registrador de tais terras, Américo Vespúcio e sua cultura Latina no controle do território. América também, associada à recente colonização dos EUA, em sua expansão de objetos, ações e técnicas aos mercados consumidores com a propaganda do "american way of life".

Em Minas Gerais, mais precisamente nas minas, cidade de Ouro Preto, nasci e fui criado. Imperial cidade em 1823, capital abandonada em 1897. Desde lá muita água correu, a Ouro Preto que conheci quando criança, não era a dos livros ou a visitada pelas excursões escolares. Por um morro, estava fora da paisagem tombada da cidade, na região hoje moderna da cidade, Bauxita⁴. Das Minas de Ouro Preto, num sistema escravista de produção, temos obras onde a mão humana forçada forjava os morros para extração da moeda. Em outro momento e local foram instalados importantes dispositivos do meio técnico, científico-informacional, ampliando a produção de minérios através da produção industrial, e os principais deste lugar são: o Campus Morro do Cruzeiro da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP-1969), e a indústria para produção de alumínio com trabalhos iniciados pela Empresa Elquisa - Eletro Química Brasileira S/A de Ouro Preto (1928-1950).

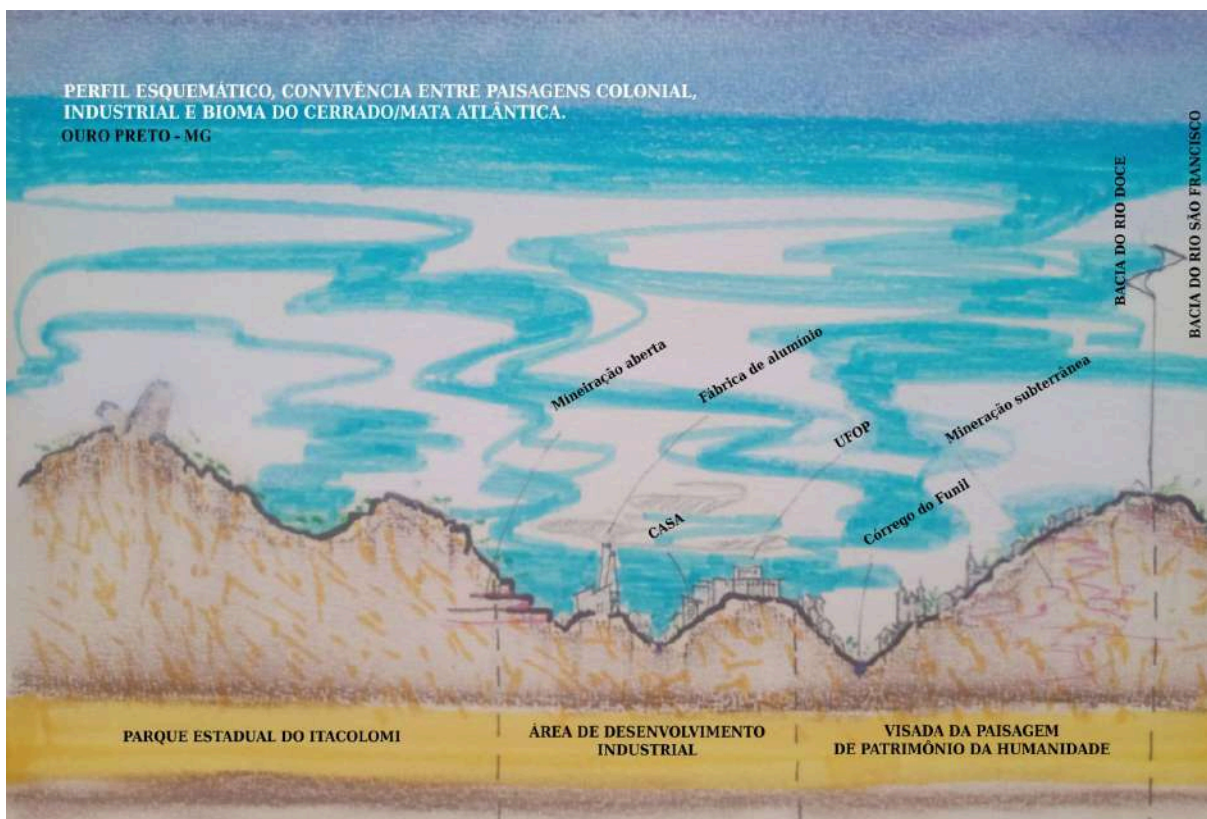


Figura 3 - Perfil de Ouro Preto - MG, convivência entre período colonial, industrial permeados pelo bioma do cerrado e mata atlântica. Imagem do autor, 2023

⁴ A bauxita é uma mistura natural de óxidos de alumínio, amplamente usada como matéria-prima para a fabricação de alumínio, encontrada facilmente no bairro e entorno.

Um movimento que sempre me marcou durante as idas ao centro histórico de Ouro Preto, era a neblina que cobre, e que não há tanto tempo, cobria com muito mais intensidade e duração a paisagem, fazendo aparecer e desaparecer igrejas suntuosas, morros inteiros dentro dos rios aéreos. Não que na região da Bauxita não víssemos tudo se apagar em branco, ou o pico do Itacolomi sumir, mas a característica de ocupação cheia de marcos e entroncamentos do período barroco mineiro ressaltam esses elementos de surpresa. Na região, os rios aéreos reflexo das nascentes dos Rios das Velhas, Piracicaba, Gualaxo do Norte, Gualaxo do Sul, Mainnart e seus afluentes; foram contaminados pela produção industrial, misturando a nuvem que brota do chão, resíduos da produção do alumínio, deixando as doenças respiratórias comuns à população do entorno.



Figuras 4 e 5 - Nuvens, rios aéreos, no centro de Ouro Preto, 2020. Resíduos da produção de alumínio também em Ouro Preto, 2018.

Mais a frente do percurso nas minas, acompanho o movimento realizado pelo Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Pela ampliação do leque de possibilidades de graduação, cursei Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de São João del-Rei de 2012 a 2018. Nesta cidade inserido dentro do dispositivo de saber, percebo-me movimentando principalmente abrigos, alimentação, encontros e o construir e habitar desta instituição de ensino formal como membro da classe estudantil de graduação.

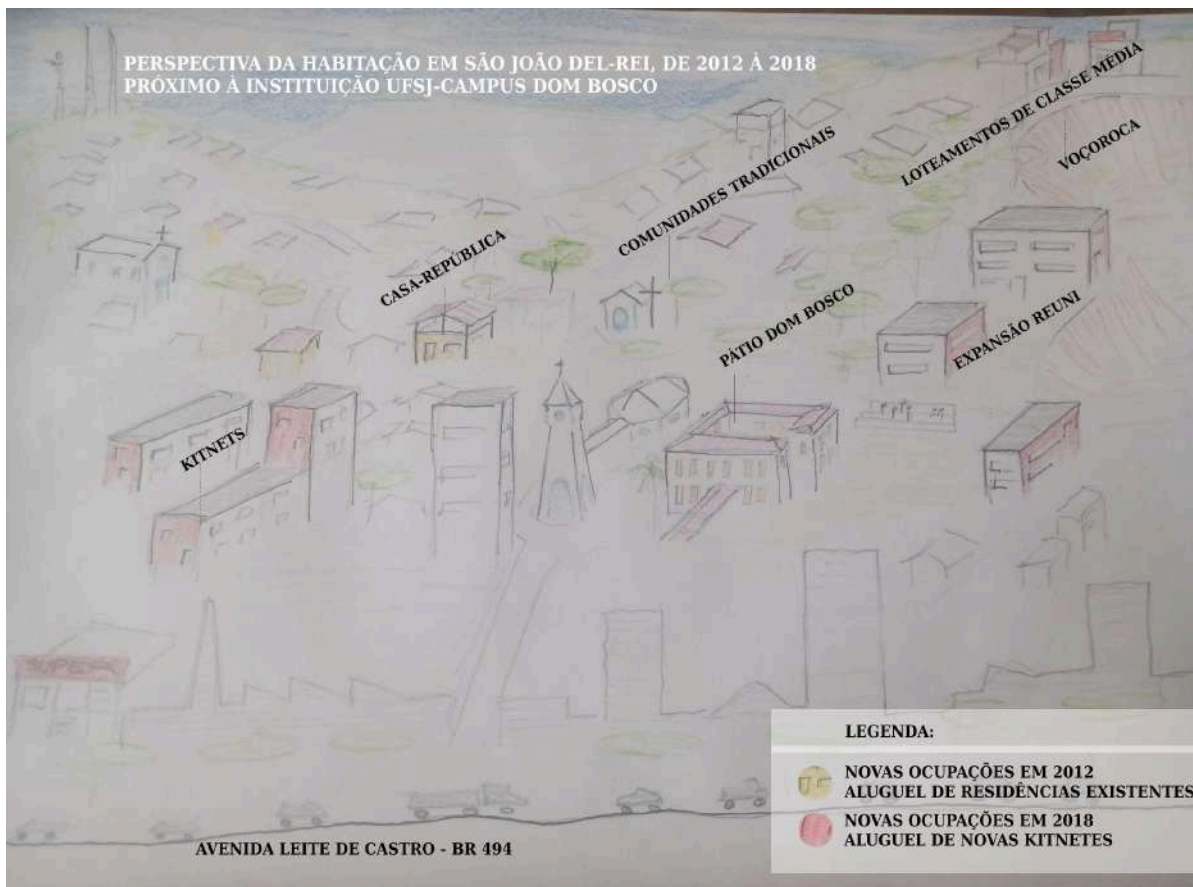


Figura 6- Ilustração da ocupação da instituição e entorno imediato em São João del-Rei, de 2012 a 2018.

Imagem do autor 2023

A situação do entorno do Campus Dom Bosco, São João del-Rei - MG, região que habitei durante estadia na cidade, apontemos nesses 6 anos, o adensamento habitacional com o aumento de edifícios com 3 pavimentos, com tipologia principal em kitnets para moradia estudantil, além de loteamentos de classe média que destoam das ocupações das comunidades locais do entorno imediato. Porém o risco de deslizamento de terra, permeia todo esse entorno nas voçorocas que marcam o território e colocam os problemas ambientais tanto para instituição, quanto para população local e novos moradores. Ao considerarmos o território como formação socioambiental, tem-se um outro nível de análise. Enriquecendo o debate sobre o quadro de conflitos e soluções urbanas, vista com mais ênfase ao longo do texto. Mergulhamos agora nesta instituição:



Figura 7 - Fotografia do autor, Campus Dom Bosco, UFSJ - pátio central, 2015.

Re-adaptação de antigas ideias em novos contextos, na imagem acima temos o pátio central do Campus Dom Bosco, antiga Faculdade Dom Bosco, antes ainda Colégio São João, a qual foi criada pela Inspetoria Salesiana Dom Bosco com o objetivo de habilitar, de acordo com as exigências oficiais, os religiosos da Congregação mantenedora. O efeito panóptico⁵ é observado com a presença da torre alta e do pátio central com esquadrias em persiana que permitem o ver sem ser visto. Porém, o uso universitário diluiu tais características, com a ausência de um olho denominado como o diretor, o pároco ou outro com poderes para vigiar e punir os desalinhados, tornando menos tenso o uso do espaço como ponto de encontro na Universidade.

Com a ampliação de cursos que o campus passou a oferecer com o Reuni, outra tipologia de construção revela outros valores e necessidades do espaço. Com formas quadradas e estruturas em concreto aparente, adequa-se ao mesmo modelo, diferentes funções de laboratórios e as mesmas salas de aula. Programado para cumprir funções, os

⁵ Panóptico é um termo utilizado para designar uma penitenciária ideal, concebida pelo filósofo e jurista inglês Jeremy Bentham em 1785, que permite a um único vigilante observar todos os prisioneiros, sem que estes possam saber se estão ou não sendo observados. O sistema seria aplicável a prisões, escolas, hospitais ou fábricas, para tornar mais eficiente o controle daqueles estabelecimentos.

espaços de encontro somem do lugar para instalação de estacionamentos dos automóveis, onde você pode cumprir sua função e voltar à rotina sem desvios.



Figura 8 - Fotografia do autor, Campus Dom Bosco, UFSJ, prédios do Reuni, 2015.

Neste lapso de vigiar e punir ou simplesmente controlar, tivemos alguns encontros fomentados pelo curso de Arquitetura e Urbanismo em seu caráter extensionista de formação. Frente ao problema ambiental que a voçoroca representa no lugar que estava imerso, os moradores e instituição estão envolvidos nos desdobramentos da situação, seja em seu agravamento ou resolução. Como a questão urbana é sempre socioambiental, e a corda arrebenta do lado mais fraco, partimos por dentro desta instituição pública de ensino para o encontro da população de maior vulnerabilidade, atuando principalmente com o urbanismo tático para intervenções urbanas por meio do programa de extensão PqC.

Em meio ao mundo de ações e objetos, despercebidos pela cidade formal encontramos em uma das formas de ajuntamento e construção afetiva, o Congado, Moçambique e Catupé de Nossa Senhora do Rosário da comunidade São Dimas, na residência/bar/escola da capitã Maria Mártir. Com a percepção alargada que a leitura em

dispositivos propõe, esse é um local de saber onde ações, objetos e valores são repassados. No quintal as fronteiras entre vizinhos se misturam, entre parentes de sangue ou não. Lembro ainda do sapo, estrangeiro abrigado em seus últimos anos de vida, na casa ociosa que havia ao lado do Congado. Era ali também, onde ficava a maior árvore de que me lembro naquele bairro. No olho a olho, na convivência, nos trajetos do congado nos envolvemos um pouco mais com a história do bairro.

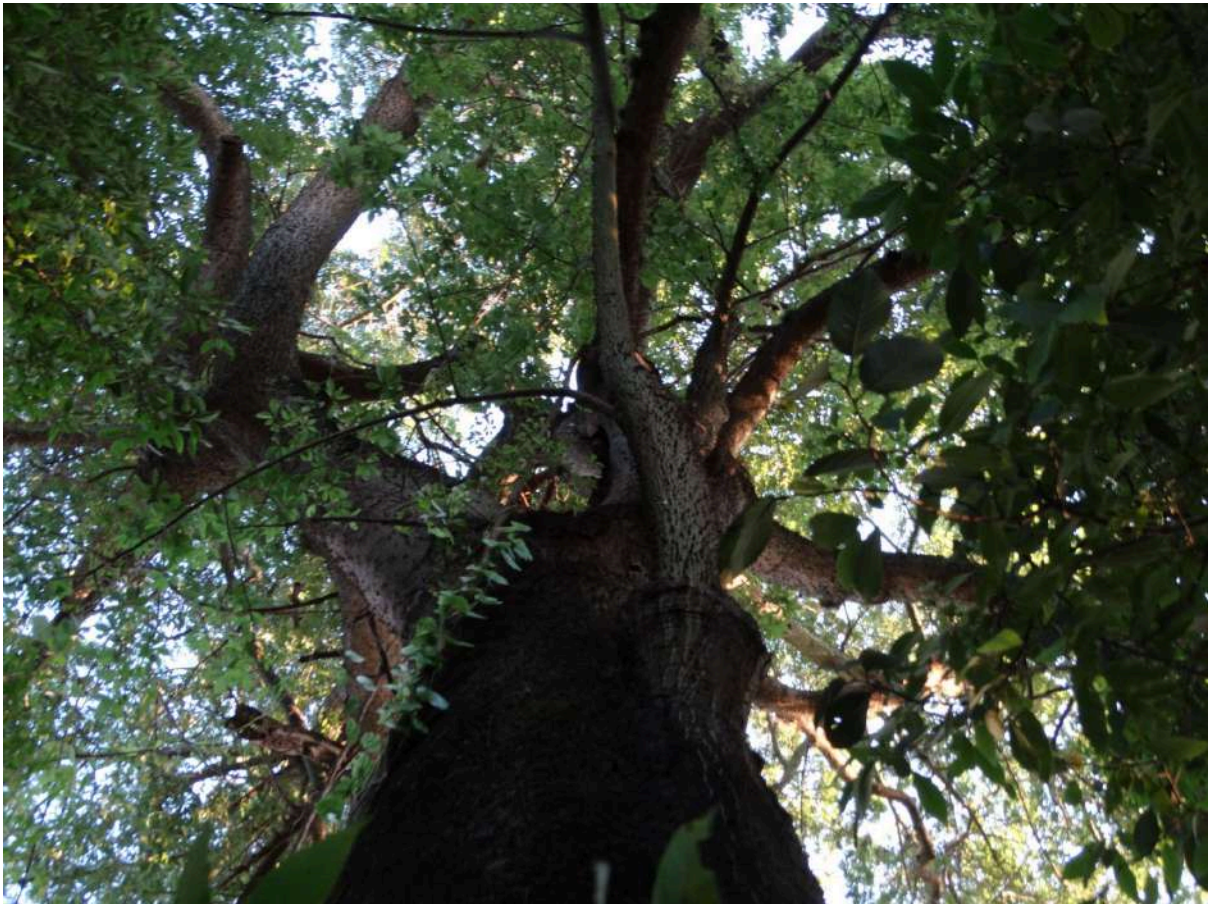


Figura 9 - Fotografia do autor, árvore Paineira com aproximadamente 20m no fundo do quintal, 2014.

Do corpo disciplinado que formei nessas tantas horas de cadeira, as práticas extensionistas nos trouxeram para outra materialidade do desenho urbano, algo que não cabe em duas ou três dimensões, onde as representações são pequenos fragmentos da imensidão que se desenrola sob nossos pés. Num questionamento dos modos de produzir, de manipular, de desenhar, finalizamos essa etapa em São João del-Rei arremessando o bastão do que havíamos feito à Escola Estadual Ministro Gabriel Passos. Em um gesto meio

incerto, utilizamos do programa federal de educação integral⁶ em implementação na cidade, para dar continuidade, do modo possível, às práticas do Programa de Extensão Parque-Escola Chacrinha(PqC).

Construindo o trabalho final de curso mergulhei no cotidiano da escola, com horário e local enquadrados, acabei enfiando a cara nas palavras para explicar e passar adiante as possibilidades para apropriar-se da cidade como forma de aprendizado. Porém, ao entrar na escola deixamos o meio, o ambiente da cidade e nos envolvemos em um ambiente confinado, onde a tradução perdeu muito da mensagem. Neste ambiente da escrita e transferência de conhecimento, acabamos em uma busca para conseguir explicar o movimento, perdendo o contato com vários elementos e conteúdos na tentativa de se fazer compreensível.

Mais à frente houve a pandemia da Covid-19, procedimentos de isolamento aumentam ainda mais os usos de meios digitais para comunicação. Ao fim do *lockdown*, ingresso no PIPAUS em 2021 com ensino ainda à distância. Nesse momento o dispositivo de saber que era ora livro, ora sala, ora tela, ora mapa. O mesmo objeto, o celular, foi fundamental para tornar o isolamento físico possível e deu destaque ao objeto como meio comunicacional (MCLUHAN, 2007).

⁶ Visa assegurar o acesso e a permanência dos estudantes na educação básica, com a melhoria da qualidade do ensino e o respeito à diversidade, garantindo-se as condições necessárias ao desenvolvimento dos diversos saberes e habilidades pelos estudantes e a ampliação da oferta da jornada em tempo integral. (Artigo 1º, Decreto no 47.227).

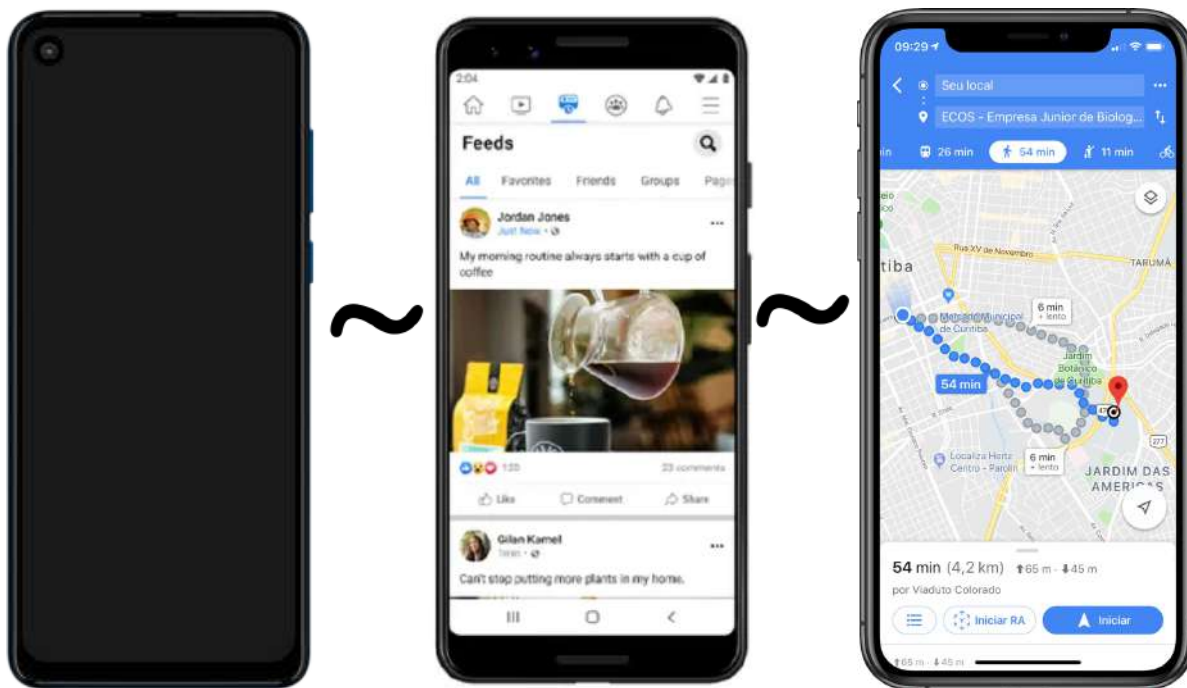


Figura 10 - Objeto minimalista, muda a mensagem por mais que mude apenas o conteúdo?

Para encerrar os momentos relevantes na percepção dos dispositivos de saber nesse subir e descer morros, venho parar na metrópole e capital mineira em 2020, Belo Horizonte, centro regulador e nó da produção regional de mercadorias e trabalho. Ainda perplexo com o mundo de informações acumuladas, tenho como fuga dos complexos pensamentos e chão para os sonhos, a capoeira. No momento em que são considerados os modos de fazer e se relacionar como patrimônios imateriais da sociedade⁷, damos início à produção de bens imateriais⁸.

Na escola de capoeira a corpografia é fundamento, na diáspora africana os nomes, costumes e objetos foram proibidos, restando o corpo-mapa como memória do lugar que pertencia e onde tentava sobreviver além mar. Descriminalizada em 1938⁹ e reconhecida

⁷ “Considerando a importância do patrimônio cultural imaterial como fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável, conforme destacado na Recomendação da UNESCO sobre a salvaguarda da cultura tradicional e popular, de 1989.” (UNESCO, 2003)

⁸ Como exemplo, podemos considerar o Airbnb, o qual trabalha com um “produto imaterial”, tendo em vista que a empresa não é proprietária dos locais disponíveis para alugar e sua função básica é gerir fluxos. É uma empresa que administra fluxos imateriais, mas não para fins imateriais, já que a “matéria-prima”, onde o Airbnb acontece, está entre os muitos ambientes ao redor do mundo. (COSTA, 2017)

⁹ Código Penal. Decreto nº 847, de 11 de Outubro de 1890. Capítulo XIII, Dos vadios e capoeiras.

como patrimônio imaterial em 2014¹⁰, a roda de capoeira coloca todos os corpos em evidência, lado a lado e frente a frente, os olhos se cruzam e corpos conversam em movimentos sincopados com ritmos e mantras do cotidiano que os rodeia, ou já arroudeou. Como é um movimento negro de resgate do apagamento histórico, muito orgânico e necessário para população brasileira, espalham-se diversas escolas com diferentes modos de fazer dos rastros que cada casa consegue perceber. Portanto, cada casa tem uma regra, um jeito de falar com o corpo.

Na sede da Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (ACESA), baixo centro de Belo Horizonte, uma sala de 4x4 metros cabe mais gente do que se imagina. Os instrumentos são os objetos de saber, em que tocar, afinar, construir e conservar é missão dos envolvidos. Por ser uma cultura corporal e de entendimento do passado apagado, os mais velhos são fundamentais nas casas, como referência de algo que se aprende na convivência com o outro, “nos gestos livres de cada um” (PASTINHA, 1951. p.38). Os fundamentos são passados em imitação/espelho e as trocas sempre em diálogo/jogo, por perguntas e respostas, no canto, nos instrumentos e no jogo de corpo.



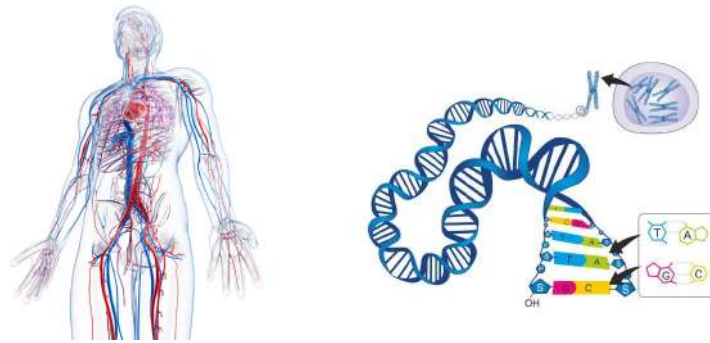
Figuras 11 e 12 - Fotografias do autor, na sala e sede da ACESA das aulas de dança afro-brasileira onde os objetos de saber enfatizados são os instrumentos percussivos e o corpo. 2023

¹⁰ A Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira foram reconhecidos como patrimônio cultural brasileiro pelo Iphan em 2008, e estão inscritos no Livro de Registro das Formas de Expressão e no Livro de Registro dos Saberes, respectivamente.

E você ser vivente, como está seu corpo agora? Quais dispositivos de saber o conformaram para sua postura, seus jeitos de fazer no agora?

O presente estudo é baseado no ambiente urbano enquanto possibilidade de encontros, em trocas respeitadas permeadas por seus dispositivos. Tomando o corpo como elemento chave das construções urbanas, ressaltamos a cidade como aprendiz de seus processos e assim mais inteligente na formulação de seus programas. Isto a partir das analogias propostas por Sennett em 1997 por seu trabalho: “Carne e Pedra, O corpo e a cidade na civilização ocidental”, que apesar de sempre reduzir e distorcer concepções é válida para apreensões de situações.

O relato começa nas cidades gregas, com a compreensão dos corpos como quentes e frios, explicando seu modo de funcionamento e sinais de saúde, representados em suas construções, cidades permeáveis, escravidão e misoginia. Numa forma mais recente, observa-se o corpo como sistemas de circulação, das veias e artérias, sistema nervoso e o respiratório. Manifestados nos sistemas urbanos de livre circulação de bens e serviços, compreende o movimento do corpo não mais pelas expressões da alma, mas por sistemas mecânicos de fluxo. Ao fim, analisa as metrópoles multiculturais, cuja analogia com a percepção do corpo humano em um programa de informações gerado pelo Ácido desoxirribonucleico (DNA) creio ser válida. No caso analisado da formação de Nova York, ele descreve o modo em que o desenho urbano chega em um terreno desocupado, e os valores econômicos se sobrepõem a qualquer outro fator do lugar. Na forma do parcelamento urbano tabulado em quadrados, cuja função de uma sociedade estratificada com leis do humano para o humano é estruturada em processos de produção, circulação e acumulação de objetos, como o exemplo da cidade de Belo Horizonte -MG.



Figuras 13 e 14 - Ilustrações do sistema circulatório sanguíneo (1640) e do DNA (1953)

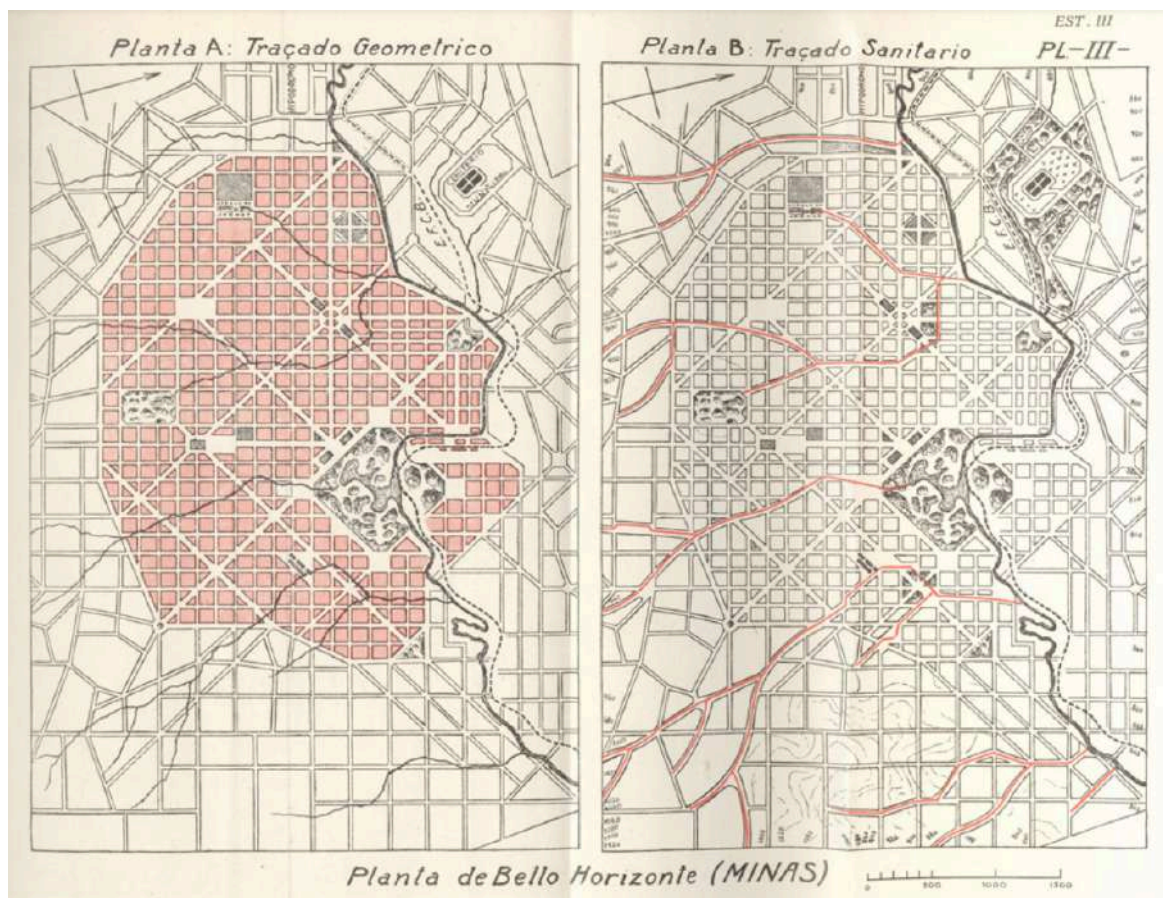


Figura 15 - Discussão sobre o traçado de Belo Horizonte (BRITO, 1914): “Planta A”, traçado geométrico original; “Planta B”, proposição do traçado sanitário de Brito

Acima estão representadas duas formas de compreensão do corpo em que as linhas de visibilidade são aceitas e compartilhadas pela materialidade que nos une, os sistemas de fluxos representados pelo sistema sanguíneo e, em micro escala, DNA como programa de informações do corpo humano. Com análise voltada a região das minas, acho pertinente o exemplo da capital do estado de Minas Gerais como imbricação desses dois sistemas.

Como cidade do sul globalizado, as novidades implantadas vinham velhas da metrópole, com resquícios de uma ordem colonialista. Em 1894, foi formada a Comissão Construtora da Nova Capital presidida por Aarão Reis. Vemos em Belo Horizonte os tabulados rodoviários em que os sistemas de circulação humanos não dialogam com os fluxos de águas do lugar, porém se abrem vias/veias de grande porte posicionadas para circulação de pessoas e mercadorias. A planta proposta pelo engenheiro sanitário Saturnino de Brito, utilizador dos sistemas de circulação na geração de ambientes saudáveis para época, teve divergências dos planos da comissão e acabou deixando-a antes da conclusão dos projetos. (NASCIMENTO, BERTRAND-KRAJEWSKI e BRITO, 2016).

Da analogia proposta entre sistemas de circulação e informação no entendimento do corpo humano, vemos a sobreposição em uma simultaneidade de explicações e entendimentos que agenciam o agora, através do acumulativo, porém selecionado, material histórico. Ao tratarmos da diversidade cultural na região metropolitana de Belo Horizonte, as camadas ganham a diversidade de expressões principalmente do corpo negro, na busca de suas raízes frente aos apagamentos de sua percepção de corpo e território.

Compreender o sistema de informação como modo de programar os processos a serem desenvolvidos em determinado lugar é inteligente, porém nesse velho mundo dos encontros e trocas, ser aprendiz é condição especial. Num momento em que as diversas culturas compartilham informações neste encurtamento do espaço-tempo gerado pelos meios de comunicação instantâneos, o histórico transatlântico de diásporas e genocídios deve ser reparado no agora, como possibilidade de outras relações com os próximos e com o meio.

Cidade aprendiz num materialismo histórico em que diferentes razões como o sol em elipses ou espirais são apenas níveis de análise diferentes. Convivendo também com outros níveis de realidade que revelem conhecimento desse aparelho, chamado corpo humano, que pode revelar saberes que não levem eficácia na produção de objetos, mas oferecem valores que ajudam a entender as mutações e as sincronias do caminho. Temos de reconhecer a diversidade de meios que fabricam o agora, para manejar os objetos e ações disponíveis em outros arranjos, que amplifique desejos e facilitem movimentos democráticos em uma governança socioambiental que parta sempre do lugar.

.1- Corpografias, materialidade da pesquisa

Imagine-se agora como uma célula de um corpo social, esse corpo composto de várias e várias células, cada uma com sua função específica. A hemoglobina, por exemplo, tem de transportar oxigênio e gás carbônico, ela faz sempre a mesma função no repetido trajeto, das artérias para as veias e das veias para as artérias, bombeadas por um coração pulsante. Observando o transporte de bens, como o oxigênio e gás carbônico, como processos de um programa que orientou tais especificidades, podemos pensar que programar culturalmente uma sociedade é tarefa fundamental para esclarecer as percepções do mundo e envolver outros no sistema iluminado.

Na projeção da globalização como um único corpo social, a convivência com outros corpos se transforma numa negação seguida da apropriação, quando viável, do outro. Porém, dada a complexidade de eventos que possibilitam a vida neste planeta, a diversidade é fundamental para os desafios de convivência em relações de complementaridade.

Ao partir da materialidade da arquitetura e urbanismo nos deparamos com um artifício ao trabalho de transformação do mundo, o desenho enquanto prática projetual de análise e previsão das obras. Enquanto o desenho ilustra sonhos de clientes em projetos detalhados em renders e vídeos, que delimitam ações na sala de TV, no quarto de empregada ou na busca do Airbnb, ao canteiro é delegado seguir ordens de planejamentos e custos sem desvios que possam onerar investidor ou empreiteiro, sempre dando um jeito para entregar caprichos e espetáculos, no prazo mais apertado que couber.

Essa relação entre canteiro e desenho (FERRO, 2006) se distancia com a divisão do trabalho, para aumentar a produtividade de mercadorias e criação de espetáculos individuais de sucesso. Deixamos a obra como nome bonito do divino fazer da profissão criativa, mas estamos mesmo interessados no aumento da Linha de Crédito Imobiliário (LCI) ou em um bom preço de venda do imóvel. Nada contra, pois apesar de civilizada, a selva de pedra dita suas regras, ou você come ou te engole.

Todos precisam de casas boas, o arquiteto e o pedreiro querem emprego, ainda tem

um bom investimento para o pequeno proprietário urbano, parece um acordo justo se continuarmos a fragmentar a vida e congelar saberes. Só que não, sob o jugo de país colônia, o servente de pedreiro mal recebe o suficiente para sobreviver e manter sua família, de seu salário não estão computados os valores para construir sua própria casa considerando o mercado no qual trabalha¹¹.

Dessa acumulação pode-se afirmar que o Brasil tem dois espaços urbanos bem distintos, um das ideias fora do lugar e outro do lugar fora das ideias (MARICATO, 2000). Nos Brasis idealizados se concentram recursos e esforços, reproduzindo desigualdades e privilégios em antigos sonhos de nobreza. Para a cidade ilegal não há planos, nem ordem, ela é desconhecida em suas dimensões e características, trata-se de um lugar fora das ideias.

Neste lugar fora das ideias, os modos inventivos que a sobrevivência e os ajuntamentos exigem, valem-se da criatividade no construir e habitar. O processo denominado autoconstrução, analisado por Adriano Taveira, exemplifica onde:

(...) dentro das possibilidades da vida atual; o modo de vida, a distância entre seus lugares de frequência (cidade, trabalho, lazer), o valor econômico das coisas necessárias (...). Entre aquele possível concretizado e a regra urbana idealizada desenvolve-se aquela disritmia de inúmeros atos epistemológicos afirmados e despertencidos, simultaneamente. (...) Essa maneira de urbanizar-se gera um conhecimento que informa uma certa historicidade própria àquela experiência.

(DAVEIRA, 1985, p. 38)

A segregação socioambiental no Brasil desvela onde começam e terminam as previsões do desenvolvimento urbano, resultado de acumulação e apagamento nas metrópoles e cidades. Ao reconhecer para transformação do espaço o processo e contexto como elementos fundamentais de análise, que considere outros modos de fazer e relacionar, partimos da diversidade de perspectivas e percepções dos atos.

Ao compreender a cidade como obra coletiva e materialidade que suporte a mediação de ações necessárias aos diálogos e arranjos entre diferentes percepções de mundo, “as ordenações, físicas ou psíquicas, tornam-se simbólicas a partir de sua especificidade material.(...) Essa objetivação da linguagem pela matéria constitui um

¹¹ Segundo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos, na análise do salário mínimo nominal e necessário em Agosto de 2023, tem os seguintes valores: Nominal: R\$ 1.320,00 e Necessário: R\$ 6.389,72.

referencial básico para comunicação; é uma referência, antes de tudo, para os critérios de realização, os critérios de valor” (OSTROWER, 2010).

Ao tomar o design urbano como materialidade, essa construção coletiva amplia seu contexto, sendo impactada diretamente por uma diversidade de eventos na imbricação de diferentes sistemas produtivos para manutenção da urbanidade. Esse pensamento é essencial para que reconheçamos os lugares fora da ideia como conjunto da obra, e não uma borda a ser controlada e humanizada. Para tal, temos uma tarefa árdua no reconhecimento do processo de formação do Estado brasileiro.

Ao tomar o fenômeno urbano enquanto categoria de análise e manipulação, a função social do arquiteto na interação de saberes para realização da obra, a cidade, torna-se mais importante que o direcionamento e especificação de ordens. Aprendizado importante para aplicação de um pensamento urbano, são os níveis de análise e realidade sobre o fenômeno (LEFEBVRE, 2008), como observou-se na industrialização que engolfou várias cidades. Perderam-se muitos dos tradicionais modos de habitar e construir, que foram cooptados por ordens distantes no consumo e produção industrial de mercado global.

O CORPO NA COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM

Das relações, que compõem os hábitos na paisagem, ativamos a vida urbana nos processos que a materializam. Intencionamos possibilidades de aberturas ao design urbano, que partam do ambiente, para formulação de acordos democráticos. Para enriquecer os modos de planejamento urbano, vemos o ambiente como meio de discussão para interações na casa comum que é a terra, ao analisar partir da escala 1:1 para outros níveis, ativamos uma curadoria na composição de lugar que ofereça possibilidades de convivência entre as diferentes formas de produzir e se relacionar que se encontram no lugar.

O posicionamento de tais elementos, signos, objetos ou ações deve ter uma composição por diversas perspectivas e percepções para dar conta de uma observação ampla do fenômeno urbano. A fotografia e audiovisual disponíveis nos novos cadernos de percurso, os smartphones, se apresentam como meio para visão em diferentes perspectivas da situação, um objeto complexo mas que não deixa de ser uma caderneta escura e de luz

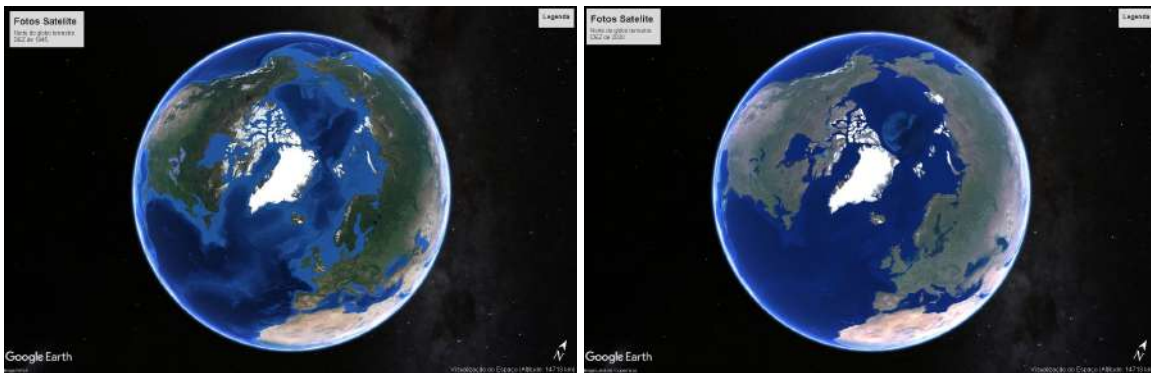
na escala do corpo humano. Frente à expansão destes meios de controle, que agenciam desejos na formação de avatares, personagens, a corpografia é necessária para a emancipação deste dispositivo que está em constante disputa, o corpo humano.

Diante de um país tão desigual e rico de possibilidades, as relações representam importante meio ao ensino/aprendizado, numa cidade que se reconheça enquanto aprendiz de outros modos de fazer, e assim possa ser inteligente no viver do lugar. A corpografia apresenta interessante percurso. “A cidade é lida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo em sua corporalidade, o que passamos a chamar de corpografia urbana” (BRITO & JACQUES, 2008, p.79).

Ao adotarmos a corpografia como materialidade assumimos o ser humano enquanto objeto e método de pesquisa. Assumindo ao longo da dissertação alguns trechos em primeira pessoa, ressaltamos a intenção de analisar um sujeito histórico numa única trajetória, processo fundamental para uma produção do espaço que aconteça de modo descentralizado. A corpografia urbana refere-se a esse encontro com o diferente, na formação de sentido e produção da vida, em uma proposta enriquecedora de modos de autogestão ao habitar e construir com o outro. Apontamos a um devir que se integre a movimentos sociais pela possibilidade de reparar as ações, por meio de vestígios dos diferentes corpos sociais apagados na formação do Brasil, para gestão de relações complementares diversas e necessárias à manutenção e construção do ambiente urbano.

.2- O ambiente como meio de comunicação

O Antropoceno refere-se à atual época geológica, em que os processos ecológicos do planeta são diretamente impactados pelas atividades humanas pós-industriais. Dada sua escala e poder de transformação, compromete a estabilidade do ciclo anterior ao alterar principalmente os fluxos do elemento água, presente em nosso planeta nos três estados físicos: sólido, líquido e gasoso.



Figuras 16 e 17 - Fotos disponíveis no google earth, retratam o recuo das geleiras ao norte da terra entre dezembro de 1945 e dezembro de 2020.

Sobre a complexidade do agora, a compreensão e interação em diferentes níveis de análise e realidade (LEFEBRVE, 2008), é possibilidade disruptiva de outras práticas que podem fornecer solução mais adequada ao contexto apresentado. Para tal partiremos de uma interpretação do pensamento modulador da realidade determinística que culminou na revolução industrial.

O pensamento clássico funciona de modo mecânico, cartesiano, lançando as bases para o desenvolvimento industrial. O paradigma central de tal pensamento é de uma separação total entre o indivíduo conhecedor e a realidade, fundamental para o pensamento determinista/colonizador das coisas que controla, em estabilizadas condições de sistema por padrões de causas e consequências observáveis.

A tensão nessa continuidade de eventos foi através da quântica, que revolucionou o pensamento ao postular a energia como não contínua, o que significa colocar em questão a causalidade local, e em seguida comprovar correlações não locais, expandindo o campo da verdade. Um paralelo interessante para compreensão desse pensamento disruptivo é

apontado por Nicolescu Basarab, no trabalho “Manifesto da Transdisciplinaridade”, de 1999, ao ressaltar a distinção entre os três pilares da ciência clássica (leis universais de caráter matemático, experiência científica e reprodutibilidade dos dados experimentais) em comparação à quântica (os níveis de Realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade), onde os postulados não se anulam, apenas aplicam-se em diferentes situações.

Para trazer essa complementar percepção ao território, Milton Santos tem importante contribuição ao apontar os sistemas de ações e objetos (SANTOS, 1996) como categorias de análise que buscam uma definição do objeto de estudo da geografia, o espaço, conformado por estes dois aspectos indissociáveis. No ato da criação de qualquer objeto, essas relações imprimem-se no espaço no ato momentâneo da criação e, em seu resultado, o objeto. Ao propagar uma cadeia causal para ocorrência daquelas, as relações assumem proporções e integram-se ao inserir sistemas para funcionamento desse fazer do espaço, nos termos do autor, “sistema de objetos, sinônimo de um conjunto de forças produtivas e um sistema de ações que nos dariam um conjunto de relações sociais de produção” (SANTOS, 1996, p. 40). Um dos meios de apreensão mais sensíveis desses dois aspectos é o sistema técnico que, segundo o autor, envolvem: “formas de produzir energia, bens e serviços, formas de relacionar os homens entre eles, formas de informação, formas de discurso e interlocução” (SANTOS, 1996, p. 177).

Do sistema técnico científico-informacional vigente, apresentamos primeiramente as mudanças de paradigma fundamentais no pensamento científico. Agora faremos uma breve reflexão dos conteúdos elaborados ao longo da pesquisa sobre a informação.

A revolução da informação que permite acompanhar e registrar uma diversidade imensa de eventos em todo globo de forma quase instantânea, é expressão do pensamento científico moderno que abrange a complexidade, diferentes níveis de realidade e inclui o observador como possível agente, a depender de diferentes interfaces. Porém as relações entre os seres humanos ainda permanecem na lógica da acumulação, misturando as cifras no design, in-formando (dando forma) à ação de sujeitos. O design ainda está impregnado com sua sua premissa determinista de solucionar os problemas do mundo ao criar mercadorias, uma de cada vez, deixando de lado a dinamicidade das coisas o que pode

acarretar em mais resíduos, mais obstáculos para sobrevivência humana (ROSSI E MOON, 2021).

Considerando o fluxo, o processo, como elemento central no desenvolvimento de propostas, que impliquem ao ser humano envolvimento e conhecimento tátil das questões, em camadas de conhecimento e fabricação, na forma de compreensão expressa na configuração de técnicas, ações e objetos:

O território, seja ele geográfico ou conceitual, é o estado de um determinado sistema, ou muito além, é um sistema. Define-se um recorte e as fronteiras se fazem. O território tem nome e tem dono, ele tem um regime imposto sobre si que estratifica, camada sobre camada, toda uma história.

ROSSI E MOON, 2021. p.53

Ao ser possível observar e descrever os movimentos fluidos do organismo complexo que é o planeta terra, os sistemas humanos adquirem outra camada, tornando-se sistemas dinâmicos complexos, que só podem ser entendidos através de uma análise de contradições e tensões em diferentes níveis e escalas de realidade (LEFEBVRE, 2001).

PAISAGISMO FORJADO

O paisagismo é o estudo do meio ambiente físico, para planejar e compor elementos construídos e vivos em ambientes. A forja metalúrgica vem como alegoria trazida por Deleuze e Guattari, em que analisam a metalurgia como protótipo do pensamento complexo, ao lidar com a transformação de sólido em líquido, tal tecnologia indica formas de controle, que implicam na alta perturbação e elevada entropia de grupos de pessoas para controle dos movimentos (ROSSI E MOON, 2021).

As observações e apontamentos aqui realizados são deste território Tupi, invadido pelo pensamento Ocidental/determinista e que traz como recurso humano milhões de Africanos para trabalhar a terra, imprimindo as necessidades para o desenvolvimento da coroa e da colônia. O trabalho do antropólogo Darcy Ribeiro, em 1995, evidencia a complexidade da formação do povo brasileiro de três matrizes principais: a Tupi, a Afro e a Lusa em que a mescla dessas matrizes de origens tão diferentes acabou por formar uma população única no mundo, sem pertencimento efetivo a nenhuma dessas matrizes principais. A miscigenação brasileira é a grande potencialidade, ainda que estruturada na

opressão de grande parte da sociedade marginalizada pelo pensamento hegemônico, tende a aplicar mais facilmente um pensamento rizomático¹², neste constante adaptar-se e reinventar-se no território. Fato interessante sob a narrativa que vimos desenvolvendo sobre o domínio da metalurgia, a raiz indígena sul americana é a única dessas que não possuía esse protótipo de pensamento complexo, da forja para o qual Deleuze e Guatarri chamam atenção.

Partir de uma sociedade capitalista fruto de um processo de acumulação, concentrado na cidade pelo investimento industrial, com um método de raciocínio determinista, permite vislumbrar tal entropia no controle desse lugar. Resgatando a questão do território, fazemos um paralelo ao que Lefebvre denomina como Campo Cego, quando o autor trabalha os aspectos da formação de uma sociedade urbana:

O Urbano (o espaço urbano, a paisagem urbana), não o vemos. Nós ainda não o vemos. Será simplesmente o olho formado (ou deformado) pela paisagem anterior que não pode ver um novo espaço? Tratar-se-á simplesmente do olhar cultivado pelos espaços aldeões, pela magnitude das fábricas, pelos monumentos das épocas passadas? Há isso, como há mais e outra coisa. Não se trata somente de uma ausência de educação, mas de uma ocultação. O que olhamos, na verdade, não enxergamos. Quantas pessoas percebem “perspectivas”, ângulos e contornos, volumes, linhas retas ou curvas, mas não podem ver, nem conceber, percursos múltiplos, espaços complexos! Não podem saltar do cotidiano -fabricado segundo as coações da produção industrial e dos consumos do produto da indústria- para o urbano, que se libertaria desses determinismos e coações. Não sabem construir uma paisagem, compondo e propondo uma ideia de feiúra e de beleza especificamente urbanas. A realidade urbana, antes de nascer e de se afirmar, se vê reduzida, de um lado pelo rural (os subúrbios compostos de casas ajardinadas, os espaços ditos verdes) e, de outro, pelo cotidiano industrial (as moradias funcionais, as vizinhanças, as relações, os trajetos monótonos e obrigatórios), cotidianidade submetida às exigências das empresas e tratada conforme a racionalidade empresarial. Trata-se de uma redução, ao mesmo tempo social e mental, de um lado a trivialidade e, de outro, à especialidade.

(LEFEBVRE, 2001 p. 36)

Nessa nova época, as diferenças são retomadas num plano mais elevado: o de um pensamento que considera todos elementos. “O pensamento urbanístico (não estamos dizendo: o urbanismo) é reflexão acerca da sociedade urbana, reúne dados estabelecidos e separados pela história” (LEFEBVRE, 2001, p. 42). Sua origem e o que o guia, não se encontra mais na empresa, ele deve-se colocar como ponto de vista do encontro e desencontro, da simultaneidade, da reunião, ou seja, dos traços específicos da forma urbana. Não deve mais ser definido pelo projeto de homogeneidade do racionalismo industrial, tem obrigação de aparecer como diferencial específico do lugar e das pessoas que estão ali inseridas refletindo

¹² Por meio de imagem-pensamento interativa e singular que se opõe à forma palavra-pensamento baseada em uma perspectiva causal, organizada e transmitida.

sobre esse campo. Essa sociedade urbana que surge da forma que se deram as relações sociais e consegue emergir das diferenças dadas, possui grande potencialidade para compreensão e proposição de outras possibilidades de estrutura.

PAISAGISMO ESPONTÂNEO

A inteligência humana tende a reconhecer o que é feito por si, o ego comanda essa percepção e valorização do esforço da espécie, raça, gênero até chegar ao indivíduo. Ao compreender e manipular a inteligência cognitiva, o ser humano pôde começar a programar tarefas que serão executadas conforme determinado, sem desvios, sem interpretações ou ruídos (ECO, 2005).

Pensar a complexidade de relações em mundos possíveis é determinar. Retomemos o protótipo do pensamento complexo, a metalurgia, ao controlar sistemas/informações conforme a energia imposta sobre tal, obtêm-se outros estados, outras formas. Eis o design, o manipulador, este design pode se dar num aqueduto ou num dique que controla o fluxo de determinado elemento, seja ele a água, o metal, ou a sociedade.

Na composição das vidas, ao se relacionar como parte integrante do meio, não como propositor, os indígenas que desconheciam a metalurgia como interpretação e manipulação do mundo, hoje nos dão valiosa lição sobre a interação entre os seres, no envolvimento local frente a atual expectativa da sociedade ocidental em manter os ciclos e gerar menos calor. Trazem também em seus modos como observador incluído no sistema, não se baseando apenas em suas perspectivas, ele está envolto do sistema/floresta.

Na potência de agente viral, ao trazer essa concepção de mundo, Chico Mendes traduz sua interpretação de tal potencial territorializante da florestania. A florestania é um exemplo de pensamento-paisagem (ARENDR, 2002), ao entender a importância da floresta naquele ambiente, onde os seringueiros tiravam a borracha, se alimentavam, se envolviam com o meio. Não buscavam a delimitação da terra, queriam usufruir, se relacionar com a paisagem, a floresta.

Como agora a selva é de pedras e se aderir não é uma escolha, a questão de como lidar com esse ser criador, inventivo e curioso que temos em nós, em consonância com o receptivo integrador é tarefa de design. O designer, tem de estar na cartografia, nos mapas lógicos dos fluxos de um determinado sistema, porém deve interagir com os fluxos dando mais sentidos ao movimento.

Neste aspecto lidamos com a paisagem como meio de comunicação entre seres animais e não animais, artificiais e naturais, num complexo fluxo de troca de informações, energia e recursos, por diversos níveis de análise e realidade.

A cosmopolítica é uma expressão que indica possibilidade de tal interação frente à disputa acirrada e cada dia mais surpreendente da capacidade do discurso de ódio e marketing de mentiras neste fluxo de imensas concentrações. Mesmo porque, frente ao alargamento da verdade causada pelo relativismo, vários pioneiros também crescem rapidamente aproveitando a brecha através de mentiras convenientes. Segundo Alyne Costa, a cosmopolítica é esse:

[...] outro sentido da noção de global: ela diz respeito não a um comum fundado naquilo que todos os povos partilhariam a priori, como a noção de universal leva a supor, mas a uma comunalidade que precisa ser construída a posteriori, no encontro com as diferenças constituintes do próprio mundo. (...) Por isso, não apenas a verdade, para se sustentar, exige verificações e adaptações constantes, como também ela é tanto mais legítima quanto mais reforçar os vínculos que constroem nosso senso de realidade. (...) acolhemos o relativismo, não é para estabelecer uma equivalência irrestrita entre as posições ou para recusar fazer juízos de valor das verdades em circulação, mas sim para tornar possível a comparação entre modos distintos de dizer a verdade e de medir, como propôs Deleuze, o valor da verdade daquilo que se diz (...) Quanto mais “multidimensional, plural e diferenciada” for uma verdade, propõe Cassin (2018, p. 194), mais solidez ela adquire, mais eficaz ela se mostra na produção cosmopolítica do mundo comum.

(COSTA, 2021, p. 40-42)

O desafio cosmopolítico colocado, diz respeito à capacidade de criar alianças e histórias necessárias, demandas de diversos segmentos, ao dar atenção aos meios de construir e manter realidades boas o bastante para nós e para os seres que fazem conosco esta Terra.

Com o trabalho “A Invenção da Paisagem”(CAUQUELIN, 2007), compreendemos o lugar, a paisagem, como uma construção social que melhor responde ao vínculo, a aglutinadora de relações complementares para sua ativação, seu espetáculo, ou melhor sua vivência:

O objeto paisagem não preexiste à imagem que o constrói para um desígnio discursivo. (...) Sua apresentação, portanto, é puramente retórica, está orientada para a persuasão, serve para convencer, ou ainda, como pretexto para desenvolvimentos, ela é cenário para um drama ou para a evocação de um mito.

(CAUQUELIN, 2007, p.49).

De acordo com a percepção da arte e ciência como elementos comunicantes, que se desenvolvem em comunhão, tomemos a paisagem por diferentes arranjos de memória, resultado de continuidades e rupturas, nos quais se amontoam representações de uma natureza diversa, rica e exprimível em termos de discurso. Tal razão vai cedendo aos poucos suas intenções a uma composição visual, tátil, emocional, torna-se bela a natureza, aquela paisagem legível, que sempre se reinicia de outros modos.

Dada a relatividade como premissa, no contexto de comunicação ponto a ponto para manejo dos ambientes urbanos e a reparação histórica necessária pela globalização, reconhecer e envolver as ciências do mundo, de modo que permitam a criação de ontologias no destaque do valor de uso urbano é caminho incontornável. Como é a razão quem vê e não o olho, é por meio da arte/ciência que “vejo que o devo ver na natureza. E o que vejo dessa maneira é paisagem” (CAUQUELIN, 2007, p.83).

Nesse diálogo, a cidade como obra coletiva é uma potente ferramenta para envolver e abrir-se à escuta dos arranjos possíveis da realidade que melhor nos serve. Ao expandir os níveis de realidade às interações humanas, pode-se envolver maior número de pessoas no pensar e construir soluções para o desafio que temos pela frente. O ambiente como meio de comunicação é potente discurso, verbal e não verbal, para os arranjos necessários. Sejam vistas à acumulação e miséria atuais e a urgente necessidade de refletir sobre os processos vigentes para outras programações.

2 - Envolvimentos

Este capítulo trata da pesquisa e experimento das questões abordadas, dividido em três artigos para publicação em revistas acadêmicas, dispostos dessa forma para maior circulação e facilitar a visualização do trabalho em fragmentos. Foram organizados de acordo com o percurso realizado, sendo o primeiro escrito em 2021, para o SIAUS e preparado para a revista Interface - UFMG; o segundo, com trabalhos iniciados na Mostra Vestígios (PIPAUS) de 2022 e no estágio a docência no curso de arquitetura e urbanismo (UFSJ), aponta em uma cartografia afetiva os movimentos rizomáticos realizados no PqC; O terceiro tem intenção de buscar uma visão diversa de saberes e seus dispositivos, ao relacionar o recente movimento de salvaguarda de bens imateriais no contexto de fabricação de produtos imateriais.

.1- Araçá, o urbanismo tático no Programa de extensão Parque-Escola Chacrinha

INTRODUÇÃO

A noção de que o planejamento urbano, observado em amplo sentido, escapa ao alcance da maior parte da população, de seus anseios e inclusive de suas demandas mais básicas, revela ao menos um contraste muito claro nesse processo, a cidade como Obra e a cidade mercadoria, como expressão da unidade contraditória entre valor de uso e valor de troca (LEFEBVRE, 2001).

O Estado, historicamente vinculado aos interesses de uma elite, reifica a soberania do valor de troca, mantendo assim a maior parte da população à margem das decisões e, por mais contraditório que seja, dos seus direitos constitucionais. Como ressalta Harvey (2005, pg. 78.):

O Estado antigo era, (...), o Estado dos senhores de escravos para controlar os escravos, assim como o Estado feudal era o órgão da nobreza para oprimir os servos camponeses, e o Estado representativo moderno é o instrumento para explorar a mão-de-obra assalariada pelo capital.

É fato que a população, ao fruir da cidade, também a transforma, de acordo com a urbanidade que lhe cabe na trama de arranjos, valores e conhecimentos que residem na expressão do lugar construído, o modo de incorporação desses critérios e vivências depende diretamente das condições oferecidas pelo lugar. O sentido prático de usufruto de espaços, utensílios, imagens e símbolos, configura um certo sentimento de pertença, que explicita no ser humano essa noção de urbanidade (DAVEIRA,1992).

Habitar, portanto, é viver dentro das possibilidades da vida atual e essas possibilidades decorrem de condições socioeconômicas, do modo de vida, da distância entre seus lugares de frequência (cidade, lazer, trabalho...), do valor econômico das coisas necessárias, do pouco tempo disponível para trabalhar no que é seu - esses e outros fatores influem na dimensão tomada pelas moradas e seus moradores constituindo suas próprias regras de urbanidade.

GÊNESE DO PARQUE-ESCOLA CHACRINHA

O debate urbano hoje já não pode prescindir de considerações ambientais, as quais incluem também a dimensão social da apropriação do espaço urbano. A complexidade deste desafio contemporâneo encontra solo fértil para sua problematização na premissa de integração de ações entre o ensino, a pesquisa e a extensão dos cursos, no caso são exemplos os da biologia, filosofia e psicologia, de uma Universidade Pública, no caso a Universidade Federal de São João del Rei, MG (SILVA et. al.,2017).

O Programa de Extensão Parque-Escola Chacrinha (PqC) - Edital PIBEX-UFSJ - foi fruto de uma iniciativa universitária, na qual estudantes de Arquitetura e Urbanismo e Ciências Biológicas, apoiados por professores das mais variadas áreas do conhecimento, iniciaram um processo de reabilitação de usos e ressignificação de espaços públicos a partir de oficinas e mutirões, com moradores de comunidades socioambientalmente vulneráveis.

Chacrinha é o apelido do córrego Francisco Xavier, que nasce na mesma vertente em que se encontram os bairros São Dimas, Cidade Nova, Araçá e Senhor dos Montes no município de São João del-Rei. Tendo sido fonte de água na construção do conjunto mais recente de casas do bairro - o habitacional São Dimas -, em 1984, que passou a fazer parte do imaginário e cotidiano da população local (CARNEIRO,2009).

Como contam os moradores, a partir de meados da década de 1980, com a canalização do esgoto nos bairros circundantes, todos os cursos d'água das redondezas perderam o caráter de espaço de uso público, e se tornaram locais inapropriados ao uso, devido ao despejo de resíduos das próprias comunidades e do descompasso entre as leis ambientais inerentes à bacia, rede hídrica e o adensamento populacional nestas áreas (CARNEIRO, 2009).

As ações integradas ao território, iniciadas em meados de 2014, culminaram na institucionalização (em 2015) de tais anseios por meio do Programa de Extensão interdisciplinar junto a mais dois projetos de Extensão relacionados à recuperação de áreas degradadas e criação de Sistemas Agroflorestais¹³ em parceria com o Escritório Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU)¹⁴, todos com foco na articulação dos diversos agentes intra e extra acadêmicos envolvidos na proposta. Este estudo baseia-se na articulação do Programa supracitado com o EMAU: Escritório de práticas projetuais Alternativas (Eppa!) concebido em três frentes de atuação: pirataria cívica, arquitetura social e urbanismo tático.

O Parque Chacrinha desenvolve-se enquanto braço de atuação do Escritório, no urbanismo tático, desenvolvendo análises e práticas urbanas com maior envolvimento da sociedade e academia, de maneira interdisciplinar, tanto pela presença no cotidiano quanto pela integração entre canteiro e desenho durante as intervenções.

URBANISMO TÁTICO - O LUGAR DAS IDEIAS

O urbanismo brasileiro (entendido aqui como planejamento e regulação urbanística) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade, apenas. Podemos dizer que se trata de idéias fora do lugar porque, pretensamente, a ordem se refere a todos os indivíduos, de acordo com os princípios do modernismo ou da racionalidade burguesa. (MARICATO, 2000, p 122)

¹³ O SAF's (Sistemas Agroflorestais) é um projeto de extensão (PIBEX 2015) ligado a pesquisas acadêmicas já iniciadas e intervenções nas áreas degradadas a partir de oficinas/mutirões capacitatórios na área de atuação do Parque Chacrinha .

¹⁴ EMAU significa Escritório modelo de Arquitetura e Urbanismo, é um projeto de Extensão Universitária unida à pesquisa e ao processo de graduação. Esse escritório surge da discussão a respeito da vivência e das práticas dos estudantes de Arquitetura durante a graduação, com a finalidade não só de completar a educação universitária, mas também para afirmar um compromisso com a realidade social da comunidade onde a universidade está inserida. Federação Nacional de Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil- FENEA - (<http://www.fenea.org/projetos/EMAU>)

Pode-se afirmar que as idéias estão fora do lugar por isso mesmo: porque elas se aplicam a uma parcela da sociedade reafirmando e reproduzindo desigualdades e privilégios. Para a cidade ilegal não há planos, nem ordem. Aliás ela não é conhecida em suas dimensões e características. Trata-se de um lugar fora das ideias (MARICATO, 2000).

O mesmo acontece nas universidades, que no geral são enquadradas em uma conceituação reificada da arquitetura ou da representação ideológica da cidade. Os legislativos mantêm com esse universo uma relação muito funcional, já que as anistias periódicas visando a regularização de imóveis são alimento fecundo da relação clientelista. A ilegalidade é portanto funcional para as relações políticas arcaicas, para um mercado imobiliário restrito e especulativo, para a aplicação arbitrária da lei, de acordo com a relação de favor.

A urbanização, juntamente com os movimentos surgidos na década de 1960, estimularam o debate no âmbito do uso e do conceito de espaço público. Visto a existência atual de novos elos, construídos ou a serem estabelecidos entre a produção e reprodução social, ou sociedade, território, economia e política, enfatiza-se a necessidade da valorização das questões urbanas desenvolvidas por movimentos sociais e organizações populares nas décadas de 70, 80 e 90 (RIBEIRO, 1995). Araújo (2012) aponta que somente por meio do estabelecimento destas formas, torna-se possível dar direcionamento democrático ao fluxo contínuo de transformações sociais. Harvey (2005) cita o ressurgimento do direito à cidade com os movimentos sociais, emergindo das ruas e dos bairros, ressaltando a existência do que James Holston (2008) defende como uma “cidadania insurgente”, com as lutas que continuam a existir acerca de quem deve configurar as características da vida urbana cotidiana.

Deste modo, o direito à cidade ressurgiu de ruas e bairros, de cidades doentes que fazem com que os movimentos pelo direito à cidade se encontrem em plena atividade pelos movimentos sociais, pelo grito de amparo de pessoas oprimidas pela transformação do espaço (HARVEY, 2014). Considerando a disputa na formação urbana, há debates sobre a cooptação do urbanismo tático como um estágio ainda mais sofisticado do urbanismo neoliberal, devido principalmente a ausência de controles estatais sobre a qualidade e objetivo dos espaços públicos criados a partir da sociedade. Esta autoprodução do espaço

neoliberal tende a cooptar a comunidade para figurar ao lado das empresas privadas como proponentes de espaços públicos, agenciando o desejo de privatizar os lugares como solução divulgada (NOGUEIRA e PORTINARI, 2016).

Semelhante a esta discussão, na construção de moradias populares pelo grupo USINA¹⁵, os trabalhos “O vício da virtude” (OLIVEIRA, 2006) e “O anão caolho” (LOPES, 2006) traçam semelhante contraponto. Dentro de toda discussão da temática levantada, vamos ater aos aspectos de produção e circulação de casas como bens e mercadorias nos mutirões, para retomar a discussão sobre a produção neoliberal dentro do urbanismo tático.

Ao retratar a virtude, Chico de Oliveira aponta para um enviesamento ao analisar esse método sobre a produção da casa, mercadoria, que tirou o foco sobre o uso de “(...)recursos da própria classe trabalhadora, que autoconstruía sua habitação e com isso rebaixava o custo de reprodução”(OLIVEIRA, 2006, p. 68), o que acabou financiando a precária industrialização no Brasil ao tornar o trabalho de produção de moradias sem custos ao capital.

Em resposta, João Lopes, integrante do grupo Usina com olhar mais próximo ao chão e focado nas demandas que o agora grita, descreve a situação de quem reduz sua visão mas reconhece, com ressalvas a disponibilização da casa ao mercado, a análise de desvalorização do trabalhador. Ao ilustrar a fluidez com que o capital se apropria dos diversos objetos disponíveis (LOPES, 2006, p.223):

um mutirante aproximou-se de mim e, olhando para os primeiros 8 prédios que estavam sendo concluídos, entabulou mais ou menos o seguinte raciocínio: “Veja só, gastei quatro anos da minha vida, lutando e trabalhando por este projeto. Investi aqui mais ou menos 400 reais de dinheiro meu durante estes quatro anos.O financiamento vai ficar em 18.500 reais,aproximadamente,e quero pagá-lo no máximo em doze anos...”. E aí concluía: “e veja você: fácil, fácil vendo este apartamento, hoje, por 50 mil reais. Não é ótimo?”

Desse relato percebe-se a inserção desse tipo de construção no mercado imobiliário, que atende enquanto produto para negociação e aponta que tal produção pode sim, ser usada enquanto meio de valorização do trabalho dos envolvidos. Porém, frente aos ideais do

¹⁵ Fundada em junho de 1990 por profissionais de diversos campos de atuação como uma assessoria técnica a movimentos populares, a Usina CTAH - Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado tem atuado no sentido de articular processos que envolvam a capacidade de planejar, projetar e construir pelos próprios trabalhadores, mobilizando fundos públicos em um contexto de luta pelas Reforma Urbana e Agrária.

grupo em que tais ações pudessem gerar outra organização social da cidade, demonstra ainda estar longe tal intenção. Ao fim do texto, o autor direciona a atenção à autogestão, não autoconstrução ou mutirão, mas essa como tentativa de uma dialética dessas visões complementares, que em permanente mutação orientam outros modos de agir na construção do mundo.

Retomando a discussão sobre o urbanismo tático proposto pelo Programa de Extensão, destacamos as práticas realizadas, como os mutirões da comunidade para abrir poços, vias ou outros equipamentos públicos, como elementos mais fáceis de serem expropriados pelo mercado porém de maior valor na formação de senso de comunidade e desmercantilização das coisas. O poder de negociação para os imóveis irregulares nas comunidades, que se organizaram para realização de benfeitorias, ampliam os sentidos de urbanidades e atingem também o valor de seu imóvel. Porém, frente ao histórico do Estado brasileiro em expropriar essas comunidades, o investimento assume-se como de grande risco, ainda que forçada a comunidade à construção dessas infraestruturas de subsistência.

Bauman (2009) ressalta que são nos lugares que se formam a experiência humana, onde ela é compartilhada e seu sentido é elaborado, assimilado e negociado. No contexto da participação, Montaner e Muxí (2014) descrevem que esses processos não só permitem que os cidadãos reforcem o conhecimento sobre o seu bairro ou cidade, mas devem ser fundamentais tanto no início como na conclusão das obras. Ainda complementam: “Nenhuma intervenção urbana pode começar sem que os moradores intervenham no diagnóstico, e toda obra requer a opinião e a atividade dos usuários a fim de valorizar e qualificar sua manutenção, de modo a interpretar sua pós-ocupação” (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 219).

No desafio de ir do lugar às ideias, o envolvimento com as demandas ouvidas ao estender a sala de aula e articulá-la com os atores na transformação da realidade é o que tornou a Universidade viva (Mayer, 2020). Ao considerar as experiências de vida dos estudantes envolvidos no PqC, em que a maior parte associava um cotidiano distante dessas ideias, foram desejados os encontros entre quem habita/constrói com quem planeja/desenha. Durante a atuação no lugar foi possível a potencialização da vida das instituições e agentes envolvidos em outros arranjos.

UM PONTO DE CHEGADA E PARTIDA NO BAIRRO ARAÇÁ

A visão de que diversos problemas sociais, tais quais os altos índices de violência e a presença do tráfico de drogas, assim como inexistência ou ineficiência de equipamentos e ações de melhoria urbana não são restritos a uma comunidade, e de que, em muitas das vezes tais aspectos estão vinculados à uma região ou zona da cidade. Fez com que as ações de reabilitação e requalificação de espaços públicos, organizadas pelo Programa, se expandissem gradativamente ao longo de toda a encosta da cidade onde se encontram os bairros de atuação do Programa.

Dentre os espaços com maior histórico de violência, o Araçá é um bairro de pequena extensão na periferia Sanjoanense e confluência de conflitos em termos socio-ambientais. Durante o fim dos anos 1990 e início dos anos 2000, a rua Ângelo Tirapeli foi palco de diversos homicídios, consequência de uma disputa acirrada entre grupos envolvidos com tráfico de drogas e armas. Outro fator que ressalta a ineficiência das ações do poder público local, em relação a essa comunidade, revela-se na inexistência de obras de escoamento, recepção e destinação de águas pluviais, dado o fato que o Araçá é o ponto de convergência do grande volume pluvial proveniente de vias de grande declividade impermeabilizadas do entorno imediato.

Este fator, aliado ao intuito de reabilitação de usos do Centro Comunitário do bairro (edifício construído pela população e de controle da diocese Dom Bosco) fez com que as ações de duas unidades curriculares do Curso de Arquitetura voltassem suas atividades para o bairro. Foram estes os estúdios: “Canteiro e Desenho” e “Arquiteto Social”, ministrados pela professora Helena Marchisotti.

A priori, a proposta das unidades curriculares voltaram-se à demanda de uma solução de baixo custo para a desaceleração do volume de água pluvial em um dos pontos da rua. Tal demanda foi apresentada pelos próprios moradores, tendo em vista que a “enchente” já havia abalado as estruturas de duas residências nos períodos chuvosos anteriores.

Todavia, alguns moradores das residências atingidas pela falta de drenagem pluvial, possuíam um conhecimento empírico e apontaram a necessidade de mais respaldo técnico e

tempo para ser realizada alguma intervenção duradoura, senão, do modo que estava já corria a água de um bom modo. Também foi obstáculo no lugar o impasse sobre a posse do terreno da intervenção perante a prefeitura municipal, o que impossibilitou a ação dos estúdios dado o curto período das unidades curriculares, de duração bimestral.

A escolha de outro ponto de atuação na mesma localidade deu-se pelas inúmeras reclamações relacionadas ao ponto de ônibus do bairro, o equipamento havia se tornado ponto de consumo e venda de drogas, além da utilização como banheiro por parte dos usuários. Tais características foram determinantes para a escolha do local, que já não cumpria sua função pois os demais moradores preferiam esperar o transporte do outro lado da rua, devido ao mau cheiro e histórico de agressões no local (figura 24).



Figura 18 - Ponto de ônibus da Rua Ângelo Tirapeli, detalhe para falta de assentos e sujidades no entorno do equipamento
Imagem: Programa de Extensão Parque Chacrinha -2015

Segundo Daveira, o enfrentamento às condições de vida, próprias às comunidades, possibilita encaminhar propostas de solução. Havendo um certo lugar da reflexividade deles, considerando assim o conjunto de qualidades (características) da sociabilidade da pessoa, como facilitador das incertas durezas cotidianas, “o corpo dessa reflexividade procura retomar, dentro das duras dificuldades, os caminhos possíveis para uma sociabilidade em exercício” (DAVEIRA, 1991, p. 43).



Figura 19 - Ponto de ônibus da Rua Ângelo Tirapeli, processo de reforma do equipamento com os moradores locais e Programa de Extensão Parque Chacrinha, 2015. Imagem do Programa de Extensão Parque Chacrinha- 2015

Os desdobramentos das reflexões e interações consequentes da aproximação desses dois universos (Academia - Comunidade) possibilitaram, as ações de reforma e reabilitação de usos do ponto de ônibus do Araçá (Figura 26 e 27). A própria organização dos mutirões foi fruto de reuniões nas quais os moradores e estudantes agruparam-se, realizando assim um organograma no qual as habilidades e possibilidades de cada um eram colocadas para a viabilização da reforma do ponto de ônibus. Constitui-se assim um desenho e um canteiro produzidos coletivamente.



Figuras 20 e 21 - Urbanismo tático aplicado feito com programa e moradores, no período em: Pintura com tinta de terra e grafite, mosaico de refugos de cerâmica. Imagens do Programa de Extensão Parque Chacrinha, 2015.

A partir dessa primeira interação, na qual os moradores locais apontaram e dispuseram-se a trabalhar na melhoria das casas do entorno imediato ao ponto de ônibus, diversas ações foram realizadas ao longo dos meses seguintes na comunidade. As interações propostas pelo Programa culminaram então, na semana de mutirões realizados no Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura (EREA-2015) (Figura 28) através das unidades curriculares “Canteiro e Desenho”, “Arquiteto Social” e “Eficiência Energética”, este último ministrado por Laura Tavares. O evento contou com o apoio da Universidade Federal de São João del Rei, Prefeitura Municipal e parcerias de serviços necessários às ações propostas.



Figuras 22 - Retirada de entulhos, reforma da cozinha e troca de telhado em residência na rua Ângelo Tirapeli.
Imagens do coletivo Abraçá. 2015

O fator aglutinante de todas essas ações foram as demandas do espaço urbano sanjoanense, resultado do descaso e omissão do poder público para com grande parte da população, fato instigante e catalisador do desígnio de propostas.

A tríade ensino/pesquisa/extensão revelou-se como um ciclo para o desenvolvimento e aplicação na autoconstrução urbana, na lida das constantes modificações do espaço e ações nos modos de comunicar, ensinar e aprender com palavras e gestos. O caráter extensionista e integrado das Unidades Curriculares, do curso de Arquitetura e Urbanismo possibilitou a produção no urbanismo tático, como interface para ampliar discursos e técnicas de produção.

Nesse espaço horizontal em que as ações, pelo envolvimento no canteiro e proximidade com a vida cotidiana, possibilitaram um ambiente propício para desenvolvimento de novas experiências. As soluções dos encaminhamentos foram se firmando através das características pessoais e institucionais, evidenciada na criação da Associação de Bairro Araçá, consequência direta não da influência das ações externas, mas sim da revitalização dos intuitos inerentes aos moradores, cidadãos, pertencentes à localidade.



Figura 23 - Ponto de ônibus, com calçada e quebra-molas na rua Ângelo Tirapeli, após 5 anos das ações extensionistas.

Imagem do autor. 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cidade-obra remete a processos de produção que extrapolam a relação mercantilizada dominante, associam os eventos e destacam o valor de uso dos objetos e ações envolvidos no construir e habitar. Partimos da convivência com o lugar para compor soluções adequadas, junto às pessoas envolvidas nessa trama.

O processo de formação das periferias brasileiras, que geraram a sociabilidade observada hoje, foi o caminho adotado pelo Programa de extensão para realizar as ações necessárias, a partir das demandas comuns encontradas no habitar, transformadas pela força de contar com os próximos. Em nosso caso, além dos sujeitos, trazíamos as instituições governamentais, através da aplicação do campo de estudo através da extensão junto ao ensino e pesquisa da própria Universidade, aumentando as possibilidades de arranjos intersetoriais do poder público para realização do conhecimento.

A produção desses momentos deve-se aos encontros possibilitados pela Universidade Federal, aos docentes do curso de arquitetura e urbanismo, que apontaram e confiaram em nossa errância pela cidade, aos companheiros que ensinaram e aprenderam nessa comunhão com o mundo. E, principalmente, a todas as mães dos bairros que abriram as casas com sorrisos e lamúrias abrindo as portas da comunidade São-joanense em seus morros, becos, saberes e risadas.

.2- A extensão como espaço ao desejo: O planejador-educador no manejo de São João del-Rei

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como base o Programa de Extensão Parque-Escola Chacrinha (PqC), desenvolvido na UFSJ entre 2014 e 2018, e seus desdobramentos, almejando uma cartografia que destaque as interações entre corpo e paisagem. O PqC atuou em áreas de vulnerabilidade socioambiental de São João del-Rei, a concepção interdisciplinar desde sua gênese fez das ações ferramentas de trabalho, que articularam grupos de diversos segmentos da sociedade, envolvendo: intervenções urbanas coletivas, fomento a cultura local, eventos culturais, oficinas tecnológicas, saúde comunitária, veiculação midiática, ações relacionadas à preservação e regeneração do ambiente natural.

Foram realizados três tipos de coleta de dados/afetos para estudo do caso. No primeiro momento, a partir de diagramas que referenciam as ações, territórios e percursos do grupo que indiquem as apropriações situacionistas realizadas durante o trabalho. Em seguida, das interações no estágio à docência realizado no primeiro semestre de 2023, na disciplina Oficina 2, do curso de Arquitetura e Urbanismo, cartografamos ações que apontam vestígios das práticas referenciadas, na unidade que abre as portas para os estúdios práticos desse curso.

Por fim, ao se tratar de algo realizado há mais de cinco anos, fechamos com os vestígios e memórias no espaço e sujeitos envolvidos nas ações do PqC. Isso se deu por meio de participação na VII Mostra Vestígios (PIPAUS-UFSJ, 2022), quando realizamos uma roda de conversa com encadeamento espontâneo de narrativas que marcaram a formação dos membros e discentes participantes do encontro junto a extensão, seguida de uma visita a comunidade em busca de vestígios das ações citadas.

A percepção da UFSJ como dispositivo de um sistema técnico para produção de território, foi adotada devido às características de análise holística, o dispositivo:

É antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta,

como objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras.”

(DELEUZE, 1996, p. 83)

Traçamos algumas das linhas que saltaram aos nossos olhos desse emaranhado de vivências, ao colocar em diálogo as diferentes realidades da Universidade e da cidade informal, na imbricação entre o planejado e os modos de sobrevivência que encarnaram o campo social por arranjos no lugar. Analisamos como a extensão é caminho para um pensamento/ação que efetive o elo do território com a gestão, na sincronia dos vários saberes imersos na construção do agora.

Para Santos, 2008, o elemento chave que diferencia as noções de paisagem e espaço é a ação, ou a vida humana. A paisagem pode ser definida como uma base material na qual a ação humana já trabalhou para transformá-la, uma imagem congelada na qual é possível ver as ações anteriores numa perspectiva. Já o espaço é a paisagem somada às ações presentes, uma situação única que só acontece no ‘agora’ quando a complexidade de eventos torna impossível decifrar todas as linhas imersas, mas de onde saltam pontes para ação. Tomamos as relações de complementaridade como fundamentais para esses arranjos, que possibilitam esse manejo da paisagem, de forma coletiva e sempre transformada pela tradução de cada envolvido. Dessas relações complementares, o planejador-educador aparece como figura chave para esse arranjo e dá pistas de como uma cultura urbana emergente pode ser manejada.

JUSTIFICATIVA

As relações de complementaridade permeiam a discussão acerca da complexidade de eventos que se desdobram no espaço. O PqC foi escolhido como momento/objeto de estudo devido às relações esperadas e complementares no lugar que possibilitaram a execução de diversas ações no território, a partir de uma proposta integradora, na qual do diferente se induz o meio.

Tal prática considerou as perspectivas de lugar, ao construir alternativas por meio de seu caráter processual, quando no campo de trabalho são articuladas teorias e aprendizados, em um canteiro que metaboliza as mudanças de percepção da situação e se desdobra em alianças no encontro. Oferece também pistas ao desafio de criar encontros

que materializam a autogestão de uma problemática socioambiental em processos singulares e desdobramentos rizomáticos (GUATTARI, ROLNIK. 1996).

A ampliação de narrativas destaca as discussões sobre as relações de complementaridade para o funcionamento do agora, expondo contradições e dependências da forma, função, estrutura e processo de determinada localidade. Para superar a grande lacuna entre a ideia e o lugar, experimentamos uma ciência do espaço e dos processos envolvidos na sua produção, em vez de descrições do espaço físico. Ao analisar as ações passadas ressaltamos os acontecimentos em uma leitura de simultâneos e sucessivos eventos (CAPANEMA, 2021).

Neste emaranhado, Maíra Nobre e Fernanda Corghi, ressaltam em trabalho que ocorre simultâneo às práticas do PqC, analisando em: *Ativismo urbano: a construção da horta comunitária de Ritópolis - MG*, modos de atrelar o espaço à gestão. Na era da informação vemos moldadas as ações de ativistas brasileiros deste século. “Pensando sua inserção em um mundo cada vez mais globalizado e neoliberal é necessário, para que se possa compreender melhor o significado desta ação, a realização e um debate transescalar, ou seja, transitando entre o que há de global e de local.” (NOBRE e CORGHI, 2019. p.115).

Com a subjetividade em disputa para cooptação e controle da escala local, a necessidade de atuação dos dispositivos de saber, no caso a UFSJ, na produção ativista é de suma importância. Partir da ação para análises e produções interdisciplinares que comuniquem com as esperas do lugar, ao envolver atores, verbas, protocolos e outras soluções de determinada demanda. A associação ao sistema de governo local, dessa frágil democracia é caminho para não atuarmos em uma agenda neoliberal da produção do lugar nesse meio globalizado. A prática de envolvimento realizada pelo PqC só foi possível e acertada por estar dentro da instituição UFSJ, que representamos na época, apontando tarefas junto à própria instituição e outros órgãos do presente Estado democrático, de acordo com a comunidade.

Essa prática é experimentada pelo que denominamos planejador-educador, um pesquisador que evolui com a cidade, ao se envolver em sua dinâmica local oferecendo

pistas para um planejamento dinâmico. Por meio da bacia hidrográfica na relação da cidade com o rio, o planejador-educador atua no território para o planejamento urbano, oferecendo suporte técnico contínuo à comunidade, na articulação entre governo e população, como modo de alcançar interesses sociais e ambientais. Os esquemas abaixo referenciam as imbricações que esse agente comunicador possibilita entre meio ambiente, conhecimentos técnicos e populares:

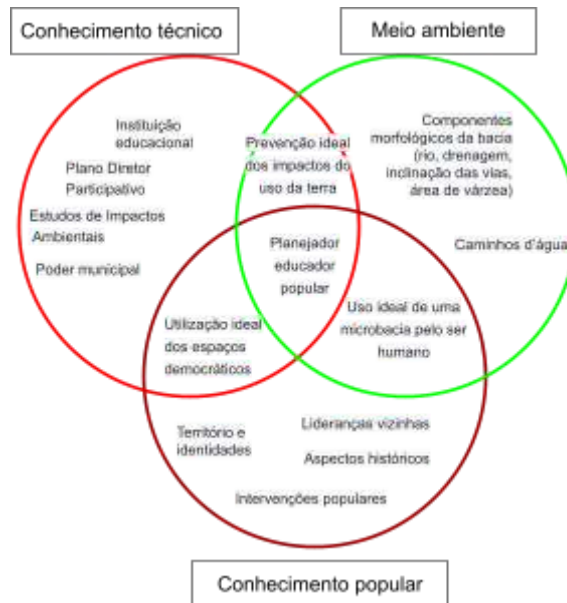


Figura 24- “o planejador educador popular contribuindo para conectar conhecimentos físicos, técnicos e populares” (CORGHI e COSTA, 2014. p. 622).

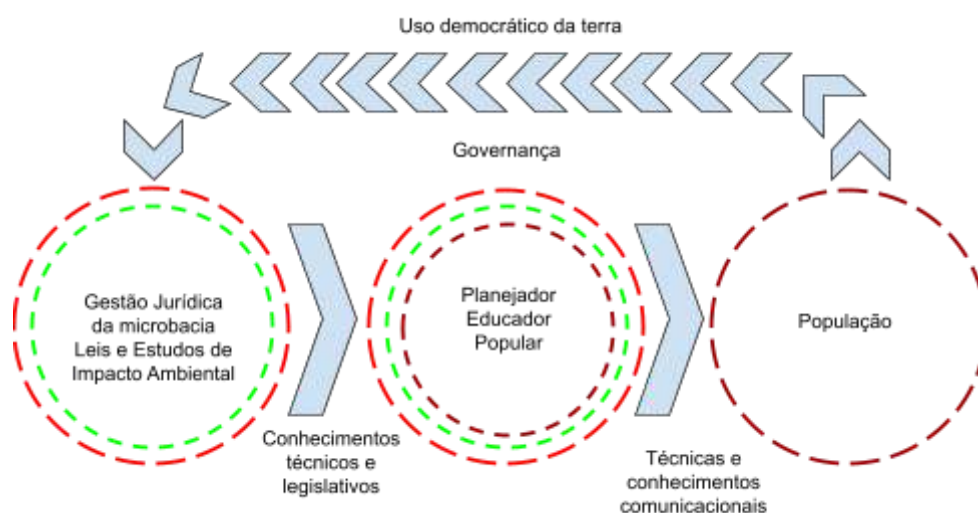


Figura 25- “o planejador como um educador popular, um novo papel para arquitetos e urbanistas” (CORGHI e COSTA, 2014. p. 622).

Nesta interação entre diferentes áreas, os meios de comunicação são fundamentais na criação coletiva de tais pontes, traduzindo linhas, números e tabelas da legislação para contato com vivências, experiências e a materialidade do território. Esta função articuladora ressaltada pelo planejador-educador constitui-se a partir da disponibilidade e trato social da pessoa, sedimentando atitudes que, pouco a pouco, irão encorpar funções do engajamento possível exigido pelo lugar e expresso no comportamento cotidiano com o suporte e ativação do Estado democrático (DAVEIRA, 1985).

Adotamos os diagramas como representação por deixar indefinido o que é realidade e imaginação, assim, o trabalho orienta outras práticas que se desenvolvam no território, como momento e locais únicos de atuação, devido às muitas misturas que se tem a desvendar. Ao analisar a Universidade como dispositivo de saber, mudamos sua orientação da reprodução de experimentos controlados para aprender com os momentos de encontros.

Foucault alude a critérios 'estéticos', entendidos como critérios de vida que, de cada vez, substituem pretensões dum juízo transcendente por uma avaliação imanente.(...) Assim, todo o dispositivo é definido pelo que detém em novidade e criatividade, e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar, ou de desde logo se fender em proveito de um dispositivo futuro.

(DELEUZE, 1996. p. 90)

Evidenciamos o que existiu como um uso do espaço urbano, uma apropriação situacionista¹⁶ (JACQUES, 2003), que para além de uma forma material de intervenção no lugar, indica modos de viver ou experimentar a cidade. Por envolver diversos atores na sua construção, ao retornar à instituição em 2022, sempre que citado o programa, os olhos de quem foi envolvido reagia com as lembranças das interações realizadas, tecendo comentários de sua percepção, participação ou continuidades que se deram antes ou depois do vivenciado. Cartografamos, portanto, a situação em diversas linhas que agenciaram o desejo do grupo, da comunidade e das instituições envolvidas.

¹⁶ Esta apropriação refere-se a uma noção de que cada situação é construída por várias ações, sem espetáculos ou espectadores, na vivência do mundo pelo constante arranjo de situações.

DIAGRAMAS

Para analisar e registrar como se deu essa ocupação situacionista em que atuou o Parque Chacrinha, partimos de uma psicogeografia¹⁷ de ambientes externos e internos em que atuamos. Consigo escrever esse texto na primavera de 2023, portanto, partiremos do agora para antes na organização dos materiais apresentados.

Iniciaremos com o registro das ações através de diagrama (Fig. 32) onde traçamos ações, objetos e espacialidades fundamentais à vivência no Parque Chacrinha. O diagrama compõem o abstrato e o concreto de modo não-binário, neste sentido, não são apenas representações da natureza, seu desenho permite a polissemia, acessibilidade, e horizontalidade hierárquica para vivenciar as entidades diagramadas. No centro do diagrama está a voçoroca, obstáculo incontornável devido à sua grandiosidade na paisagem e à diversidade de atores e instituições que envolvia para resolução, representando como as demandas socioambientais no lugar são agenciadoras de articulações.



Figura 26- Diagrama em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto, ilustração do autor 2023.

¹⁷ Proposta de práxis elaborada pela Internacional Situacionista para desvelar criticamente o cotidiano atrelado à urbanização a partir da relação entre significado e significante.

Desta situação, a UFSJ no campus Dom Bosco faz parte desse problema e/ou das possibilidades de sua solução, devido à ampliação urbana que ocorre junto ao esforço social para construção e ocupação de tal equipamento, principalmente com o REUNI¹⁸ na expansão das universidades brasileiras (Figuras 33 e 34). Concomitante aos arranjos necessários para solução do conflito socioambiental, que se desenrola junto à terra que desce para o fundo do vale, os habitantes que moravam no local, esquecidos nos registros, são vistos devido ao investimento distante do local e valorização do lote que possuem.



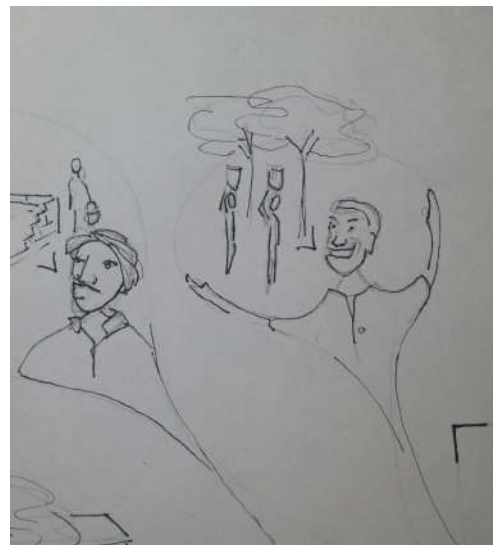
Figura 27- Fotografia aérea destacando a voçoroca, representada no diagrama, e proximidade com dispositivo da UFSJ, Campus Dom Bosco - CDB, em 2005.

¹⁸ REUNI- Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, iniciado em 2003. O programa aumentou o número de municípios atendidos pelas universidades, com a criação de novas universidades e de campi, o que possibilitou a ampliação de vagas e a criação de novos cursos de graduação.

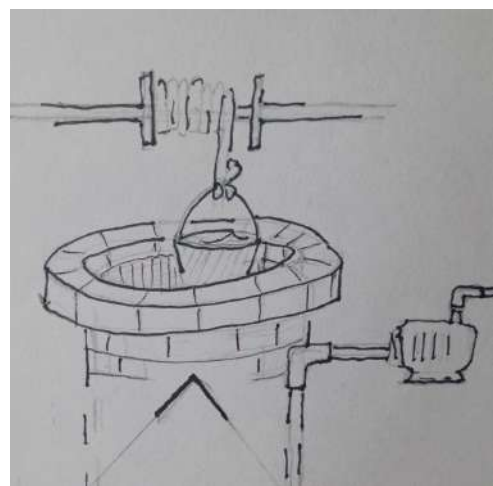


Figura 28- Fotografia aérea do entorno imediato envolvido com a implantação do CDB, em 2023.

Observada essa paisagem, que tanto impressiona quanto paralisa grande parte dos que se deparam com ela, nos envolvemos no seu cotidiano, durante a estadia temporária de formação. Na relação com o lugar ampliaram-se os modos de compreender a continuação ou fluxo de construção social no espaço, podendo observar coisas que não estão tão visíveis nessa imagem, como a infraestrutura e as relações desenvolvidas no convívio e produção local (Fig. 29- Destaque do diagrama. A importância da memória e pertencimento à localidade pelas histórias).



A complementação da vivência aos dados foi um grande diferencial para o envolvimento e relação de necessidade, entre atores e instituição no local a um público que dê sentido à produção acadêmica. Tomemos como exemplo a abertura do poço de água



que abastece a universidade e todos os bairros do entorno por meio de leitura e transmissão de dados: somente com a leitura do artigo do professor Edson Carneiro “de Lava-Pés a São Dimas, 2004”, referência no tema, não teríamos desdobrado em outras tantas ações ao envolvermo-nos ao território. A partir do encontro com o Núcleo de Investigação e Justiça Ambiental (NINJA) ativo e a convivência com este local, continuamos, de um outro modo, os trabalhos já iniciados pela instituição, desenvolvendo as temáticas envolvidas na construção desse lugar, o que gerou pertencimento à cidade e criação de vínculos entre nós, agentes da universidade, e a população. (Fig. 30- Destaque do diagrama, construção infraestruturas).

Inseridos no curso de Arquitetura e Urbanismo, com proposta instigadora a práticas extensionistas, foi constantemente almejada a relação entre a prática e teoria, em uma grade semi-aberta que exige tal relação por meio de estúdios práticos e de trabalhos integrados de pesquisa. Nesses contextos ampliam-se os significados de palavras como “gentrificação” ou “bacias hidrográficas”¹⁹, nas relações com a cidade e sua produção. Onde a base desta ciência social aplicada é compreender os desdobramentos de instrumentos do Estado e projetuais no espaço no cotidiano de lugares. (Fig. 31- Destaque do diagrama. Sala de aula em conteúdos e práticas projetuais)



Ao envolver a cidade, uma das associações necessárias é aos conhecimentos populares em que “Andar com as próprias pernas” ou “mexer até onde os braços podem alcançar” são frases de seu domínio, se referem à prática de andar por onde mora, revelando sentidos e necessidades de vida do que está ao seu redor.

A comunidade que faz desses encontros espontâneos, na abertura do corpo para tais, se

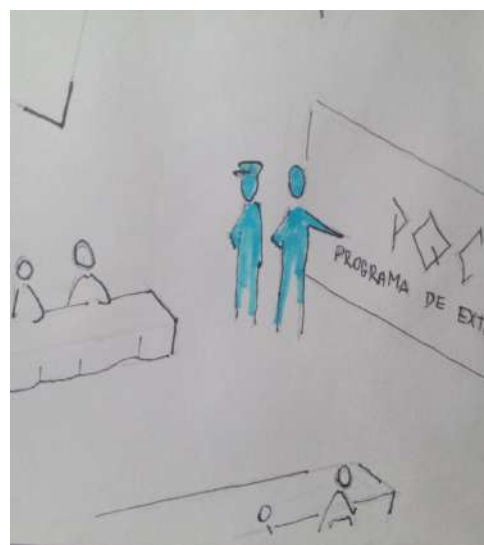
¹⁹ Gentrificação: Exemplificada na situação do bairro São Dimas. Bacia Hidrográfica: A importância da água na construção do associado lembrado nas histórias contadas.



refere à busca de questões comuns e possibilidades de resolução. (Fig. 32- Destaque do diagrama. Encontros e amizades).

O corredor do Campus ou as esquinas dos bairros, foram importantes elementos que expandiram a sala de aula, com encontros informais entre outros cursos, entre outras pessoas, que traziam surpresas ao cotidiano. Como começamos a conviver e passar mais tempo onde moramos, abrimos espaço aos encontros, em rotas que não se prendiam tanto ao destino, acabamos esbarrando com questões e soluções imprevisíveis.

Além do arranjo local, ao andar e encontrar as possibilidades de dentro do lugar, os arranjos intersetoriais e interdisciplinares foram fundamentais. Ao traduzir a história de luta dos envolvidos na construção do lugar, adicionava-se a narrativa e novos olhares de estudantes estrangeiros para conseguir associar as parcerias e desejos, ao aplicar o saber em ambiente urbano. Associamos assim, outros atores na construção da Universidade e cidade, sempre buscando apresentar as intenções



para envolver outras parcerias. (Fig. 33- Destaque do diagrama. Apresentação do Programa para outros atores)

Enquanto o grupo se envolvia para realização de propostas, o trabalho e o lazer se misturavam na possibilidade de se realizar tamanha missão. Entre iguais no ambiente de trabalho, dentro de casa, as trocas e debates aconteciam de modo horizontal quando as discussões de propostas eram forjadas e testadas com grande empenho. A aproximação do grupo, composto por estudantes do REUNI da cidade informal ou interior do estado, que não viam possibilidade de aplicação no seu território, de seus



familiares ou seus próximos, foi também agente aglutinador do grupo e parcerias. (Fig. 34- Destaque do diagrama. Encontros do trabalho e ócio criativo).

Mas foi no canteiro que vimos a materialização e resultado dos encontros. Se tivéssemos ficado trancados só nas ideias e encontros, o lugar não ia mostrar suas aberturas, gostos e cheiros que nos dão a prova de querer ser mais. O lugar se manifesta enquanto possibilidade de fazer, apresenta a cidade dinâmica a ser trabalhada. Do canteiro também é o momento de aglutinar diversos atores na realização, ao ver a cidade não apenas como uma peça a ser desenhada e articulada



a outros processos da produção, mas momento de encontro e possibilidade de atuação dentro de um território. (Fig. 35- Destaque do diagrama. Mutirões e ações interinstitucionais para serviço).

Os jeitos de se mover o corpo para enxergar com olhos, mãos e tudo mais, as possibilidades da forma urbana se dão em encontros respeitosos no lugar e indicam que a variedade de trajetos e modos de mexer o corpo podem gerar arranjos mais justos e saudáveis no território. Onde este corpo nada especializado, que é o humano, pode e deve se mover para entender e construir com o mundo, em diversas possibilidades de fazer e saber, tornando um problema socioambiental imenso, pequeno.

Desse relato de experiência apontamos para um modo de produção que amplie as possibilidades de relação entre canteiro e desenho na sociedade, por meio da autoconstrução na escala urbana. Vislumbramos possibilidades de uma atuação do planejador-educador no território que parta da relação entre aprendizado-ensino ao construir e habitar o urbano pelas vivências que o atravessam. Partir de questões urbanas ampliou os modos de se produzir o direito à cidade, por meio de modos construtivos que exigem uma constante práxis para produção da obra.

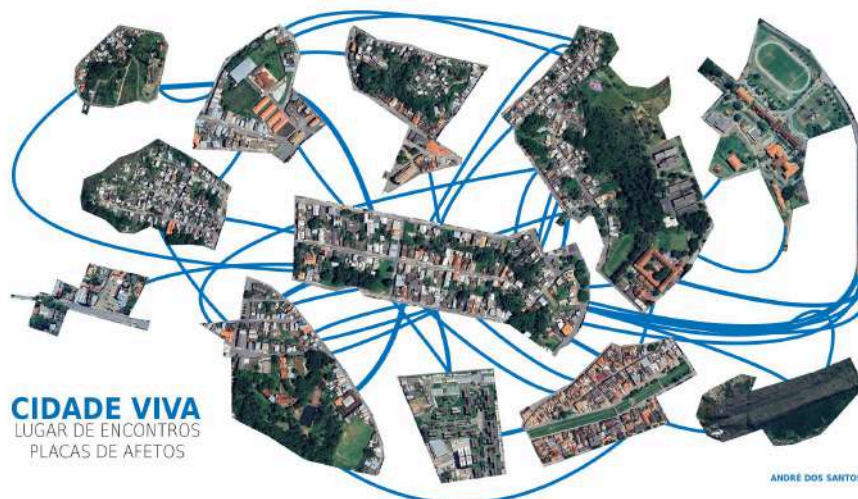


Figura 36- Adaptação do diagrama Naked city, de Guy Debord. Fluxos entre lugares do habitar e construir durante a permanência na cidade, destacando o enriquecendo os fluxos de casa para o trabalho/estudo, 2023.

ESTÁGIO DOCÊNCIA

O segundo período analisado foi o estágio à docência na disciplina Oficina 2, do curso de arquitetura e Urbanismo na UFSJ, durante o primeiro semestre de 2023, ministrado pelos professores Fernanda Corghi e Eduardo Moutinho, em outro ponto de vista e momento da instituição em relação ao Programa de Extensão analisado. Em tal percurso observamos com mais atenção a materialidade do trabalho do professor, a formação de sujeitos. Destacarei as percepções acerca dos corpos e suas relações no espaço, em sala de aula e na aproximação com a comunidade, de propostas interativas entre atores, instituições e exercícios de projeto e canteiro, chaves do PqC. Enfoque dado também pela disciplina que se dividiu em três módulos²⁰, sendo eles:

Módulo 1 – Corpo e espaço;

Módulo 2 – Espaço e objeto;

Módulo 3 – O Espaço da cidade - superposições de escalas e experiências.

Instigar a percepção do espaço através desse aparelho, o corpo humano, foi interessante meio para ampliar as formas de compreender e representar os lugares. A busca por sinestésias que consigam expressar o que passamos mostra a necessidade de apoio em

²⁰ Plano de ensino Oficina 2 - 2023/01

outros meios de comunicação para execução de um projeto que se materializa para vários. No caso, o espaço proposto para realização das práticas foi o Campus Tancredo Neves, local que está sediado o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSJ.

Em meio aos estranhamentos de alunos, que esperam receber ordens em conhecimentos para registrar e exercitar, foram propostos *happenings*²¹ em grupos a partir das percepções dos discentes no espaço de estudo e onde moram. Em um dos trabalhos realizados, o autor expõe em um alto varal, ferramentas de desenho e manuais (fig.43), em que se questionam o valor e a acessibilidade das ferramentas exigidas pelo curso e disponíveis na Universidade. O trabalho citado se encaixa no contexto da disciplina que pretende introduzir a riqueza de um projeto que se realiza ao envolver-se no processo, ao interagir com os atores e propor outros arranjos entre diferentes ferramentas e ações na construção de lugares.



Figura 37- Fotografia do Happening em varal de ferramentas, proposta por estudante, 2023.



Figura 38- Encontro com os gestores da instituição e disposição de mobiliário em sala, 2023.

Na sequência dessa atividade esperava-se receber a visita de alguns setores da Universidade, para apresentar as percepções e necessidades dos recém chegados na instituição. Os convidados não apareceram, mas com os encontros nas esquinas e locais de trabalho, foi possível reunir três representantes do setor de obras que explicaram, a partir

²¹ O happening é uma forma de expressão das artes visuais que, de certa forma, apresenta características das artes cênicas. Neste tipo de obra, quase sempre planejada, incorpora-se algum elemento de espontaneidade ou improvisação, que nunca se repete da mesma maneira a cada nova apresentação. (wikipédia)

dos trabalhos apresentados pelos alunos, questões desde o processo de licitação até os imprevistos na obra e manutenção do campus. Ao fim do encontro, as necessidades principais apontadas foram de: almoxarifado, pelo corpo técnico, e bem-estar, pelos discentes. Desse arranjo com a possibilidade de viabilização das propostas, houve tentativas de enquadrar os projetos dos discentes dentro das especificações e ferramentas oferecidas pelo corpo técnico, porém nenhum grupo se dobrou para atender as demandas do outro, que convive há mais tempo na instituição.

No módulo 2, quando o objeto ganha destaque no estudo e representação do espaço, analisamos o local de encontro com a turma na sala de aula, 2.23 Reuni III, CTAN-UFSJ. Em sala composta de mesas amplas, para 4 ou até 6 pessoas, dispostas em uma ilha em meio à sala, formou-se um retângulo, onde todos se viam e era possível o destaque a apresentação em projeção ou pelo quadro negro (Fig.44). Porém, neste lugar, a Oficina não conseguiu despertar seu potencial de local de trabalho, onde os aprendizados e trocas a partir dos trabalhos geram uma efervescência das produções.

Analisando o ambiente como meio de comunicação, recortamos para as palavras aqui escritas, em um dos momentos de encontro, os sutis gestos nesse ambiente retangular da sala de aula. O momento escolhido foi durante a fala do professor Eduardo, em que num movimento de rabiscar o objeto quadro negro, para balizar as propostas e produtos da disciplina, consegue a participação no preenchimento do vazio do quadro e ponderação da dúvida dos discentes, sob os módulos que se misturavam numa única entrega. Sobre essa demanda coletiva, de compreender os passos do processo antes de dá-los, desenvolveram-se perguntas e esclarecimentos por todo grupo presente mudando a espacialidade para uma turma direcionada.



Figura 39- Percepções sobre os objetos quadro negro e livros durante a fala do professor.
Fotografia do autor, 2023.

Misturado a este momento de maior animação e envolvimento com a construção do método e percurso, outro objeto gerou gestos de atenção e envolvimento, foram os livros. Ao descrever o conteúdo de livros selecionados, objetos de saber do professor Eduardo, este apontou riquezas contidas nas páginas para construção das propostas, o interesse dos discentes e manuseio do objeto gerou curiosidade de todos estudantes. Em momentos que eram apresentadas referências em slides e projeções, a animação e envolvimento não preenchiam o espaço como com esse objeto.

Durante o último módulo, ao tratar das diversas escalas e experiências da natureza urbana, foram apresentados os trabalhos realizados pelos alunos com a participação de membros da gestão e obras da universidade, ouvindo e devolvendo a pertinência e contribuições dos projetos apresentados pelos alunos. Entregues os trabalhos impressos feitos durante o curso à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, do modo possível, as ideias não foram diretamente para a gaveta.

Desdobramento interessante deste modo de planejar com o lugar, foi a experiência que ocorreu simultânea às práticas de sala de aula, junto à orientadora Fernanda Corghi que desenvolve as práticas de articulação comunitária através do design universal. A convite da prefeitura da cidade de São João del-Rei, houve o envolvimento para qualificar o projeto de acesso universal para a reforma na Praça da Biquinha, junto ao agente da causa, Cláudio Lombelo.



Figura 40- Imagem retirada do Instagram de parceria interinstitucional para obra pública, 2023.

Expandir esta sala de encontros, demonstra o quanto a extensão dessa instituição de ensino é necessária e vem sendo aplicada, no aprendizado com os diferentes modos de experimentar e observar a cidade e junto aos movimentos sociais de direito à cidade. Voltando ao PqC, apontamos dois vestígios das vivências na extensão que enriquecem essa observação da fala do corpo fora da sala de aula durante o estágio.

A convite do professor Eduardo, participamos de reuniões junto à Associação de Bairro do Senhor dos Montes, que passava pela chamada de eleição para composição de nova diretoria. A coordenadora do PqC na época, Márcia Hirata, é quem orienta essa aproximação com a comunidade do Senhor dos Montes, em passos mais cuidadosos para realização de parcerias entre a universidade e as necessidades da comunidade. No momento da interpretação do estatuto da Diretoria do Conselho e convocação de eleição, a universidade contribuiu para esses processos na leitura, ajustes no documento e no evento. Os corpos se encontravam em roda na comunidade, com maioria feminina e onde o trabalho acontecia sobre a discussão do texto, preparando para o evento das eleições, através de

projeção e texto impresso, debatendo sobre as possibilidades e as ferramentas da associação, uma reflexão sobre os atos e possibilidades de criação daquele coletivo.

Paralelo interessante foi encontrado no bairro Araçá, vizinho do Senhor dos Montes, onde o Baianinho, agente que se envolveu com mutirões e outras atividades realizadas durante a atuação do PqC e seus desdobramentos, continua atuando em mutirões, mesmo que sozinho, para melhoria do bairro. Numa conversa na esquina, na brecha do trabalho, Baianinho relata sobre a presença mais distante da universidade, com seus alunos, professores e câmeras, e onde vem fazendo do jeito possível uma calçada, aos poucos com recursos e tempo que sobram de seu trabalho para a formação do lugar. A partir do que falamos no jeito de construir, por meio dos mutirões, do fazer o possível e até as interações entre instituições foram absorvidas, como com a formação da Associação de Bairro, porém, sem suporte de um dispositivo público, retornaram às práticas sem assistência técnica e provimento de recursos, retomando a precarização do trabalho comunitário na construção do bem público.

O retorno à instituição de ensino revelou desdobramentos dos eventos realizados pelo PqC na grade fundamental do curso, pela disciplina Oficina 2 que abre os estúdios práticos do curso, ao instigar relações de complementaridade no pensar e executar de projetos no agora. Com o levantamento de propostas e situação com agentes ativos na instituição, a entrega de produtos e propostas à instituição, caminha para uma autogestão da instituição. As práticas extensionistas apontadas na aplicação do design universal e da articulação comunitária, também evidenciam a ampliação de relações com a cidade na forma de encontros, mais pelos professores do que pelos discentes.

As percepções apontadas indicam o como e onde desses encontros: na sala de aula, na praça, na sede provisória da associação de bairro, nas esquinas, em retângulos, num percurso, analisando uma tela ou num mutirão. Esta diversidade de modos de mexer e se encontrar revelam desdobramentos para um estudo atento dos modos de agir em cada lugar, dessa ação, exemplos para continuidade e aplicação dos sujeitos envolvidos na prática do ensino/aprendizagem da produção de lugares.

VESTÍGIOS PARQUE CHACRINHA

No terceiro momento deste estudo, voltaremos ao ponto de partida dado neste resgate realizado na VII Mostra Vestígios²², com a vivência “A Universidade que desejamos, redes de realização”. A partir de roda conversa entre membros, orientadores e participantes foram encadeadas espontaneamente cartografias afetivas em percursos, momentos e encontros, para no dia seguinte buscarmos no território vestígios das ações lembradas.

Para falar algo tem de se dar um nome, ‘Panetone’ foi o utilizado para começar o relato das ações e memorar o lugar. Nome marcante batizado pelas crianças do bairro numa geniosa analogia do chapéu com o de comer, daquela que depois de ser vista não pode ser esquecida. A ligação com a identidade dos envolvidos é fator aglutinante, com algo que remetia a uns o lugar de onde veio e a outros a necessidade de estar. Percebemos isso numa parceria longa e sincera, do nós por nós, que atravessou a maior parte da graduação dos que pisaram ali.

O primeiro evento tocado durante a conversa foi: “Dimas, o primeiro”, exposição coletiva que contou, por meio de seus participantes e linhas temáticas, a história viva, tão suada e bonita, do bairro São Dimas. Lembrando sobre o modo de atuar, que como Hélio Oiticica (Tropicália, 1966) no convívio com a comunidade e seus valores expõe em outro meio, o banal enquanto um espetáculo da vida comum, com exposição de instrumentos, ferramentas, utensílios e artefatos.



²² A Mostra Vestígios tem por base o paradigma da sustentabilidade como uma nova fronteira para as artes e, por objetivo, desenvolver novas linguagens artístico-estéticas e teórico-práticas, aqui denominadas “Ecopoéticas”, cujos objetivos são os de ampliar o papel das artes no desenvolvimento de uma cultura e de uma estética de sustentabilidade.

Figuras 41 e 42- Paralelo de imagens expostas no Centro Cultural da UFSJ, SJDR durante a exposição 2016 e na casa de costume em 2022.

Durante tal composição de objetos, foram se recordando ações e momentos do lugar vivido, da cozinha: ferramentas enormes para alimentar batalhões; dos instrumentos musicais à alegria e disposição de reunir para o celebrar; do trabalho: ferramentas manuais em ferro que forjam a materialidade de luta e construção.

Neste terreno, onde a realidade acaba com muitas das ilusões de lugar, a diversidade de um canteiro de aprendizados destacou-se como modo de interagir com o lugar. Frente às obras efêmeras de um cotidiano improvisado, aprende-se com o que precisa ser feito: cozinhar, fotografar, plantar. Nesse processo são realizadas articulações com outros setores da sociedade e despertam saberes da própria comunidade sobre um poder fazer com aquele lugar.

Outra recordação que expressa bem esse canteiro educativo, foi o evento Encontro Regional de Estudantes de Arquitetura(EREA) da região Leste, realizado em 2015. Apresentamos para os quase 300 participantes do EREA a cozinha de terreiro na comunidade do São Geraldo, quando também foram oferecidas oficinas e vivências a partir de demandas e saberes da comunidade, como solda, mosaico e carrinho de rolimã, esta última oferecida pelas crianças do bairro São Dimas. Aqui cabe ressaltar a relação com as crianças como agentes e não receptores, a partir dos objetos de seu saber, de seu cotidiano, elas diziam com o corpo a prática e saber envolvidos, a enxada, a caneta, a arma são todas ferramentas.

Desta interação e convívio com o lugar em suas relações de complementaridade, para o fazer foram apontados também os momentos de desvios de percurso. Como a Natália Chagas, na época cursando a biologia, e no canteiro do evento Mudemos²³, acabou manuseando máquinas fotográficas, ferramenta de seu trabalho hoje, com o estúdio Nativa Fotografia.

²³ O Evento denominado MUDEMOS foi a porta de entrada para as ações nos bairros, a ideia central é fomentar o sentimento de pertencimento aos espaços a partir do plantio de árvores nativas e frutíferas, além de recuperar áreas degradadas por meio de técnicas alternativas.

Com canteiro aberto, o controle de eventos no local é impossível, do Mudemos como evento chave de articulação do programa de extensão, vimos muita energia sendo queimada com a agrofloresta iniciada. Porém isto nos aterra como pequenos agentes na continuidade de eventos que constituem o lugar, na busca de vestígios dessa ação, visitamos a Neuzinha, cozinheira nesse evento e também das guardas de congado, folia e outras manifestações. Do plantio, guarda boas recordações das crianças brincando de plantar árvores, nomeando e tocando as plantas. Antes da queimada, recordou também de um bolinho de feijão, feito com os grãos plantados no lugar, a primeira vez que comeu daquela iguaria. Antes ainda de nossa chegada e das braquiárias que lutamos no terreno, lembra de colher carqueja, geribão e outras plantas medicinais que já estavam antes de ela chegar.



Figura 43- Albúm de fotografias na casa da Neuzinha de algumas interações realizadas no lugar, 2022.

O último momento retratado pela oralidade, que constitui tal relato, não partiu de um evento específico, mas sobre o correr de algumas atividades no bairro Araçá. Uma das primeiras falas do corpo no território foram assimiladas pela comunidade, durante esse canteiro aberto no ponto de ônibus do bairro, de onde foram se aproximando ações e objetos complementares neste movimento de construir/habitar aquele lugar, até o ponto da criação de uma associação de bairro e convocação da Universidade para contribuir no projeto de calçada no local.



Figura 44 -Práticas projetuais no ponto de ônibus da rua Ângelo Tirapeli, linha, enxada e outras ferramentas vinham junto com a comunidade
Imagem do Programa de Extensão Parque Chacrinha, 2015.

Em meio a esta associação de eventos e atores a extensão universitária firma seu compromisso para com os outros setores da sociedade, em um programa de ações de caráter orgânico-institucional, articulando projetos e outras ações existentes, inclusive de pesquisa e ensino. Para a comunidade marca a memória das pessoas que abriram suas portas, e conviveram com as mudanças no cotidiano gerada pelos encontros. Apesar de escassos recursos, tempo e dinheiro, da Universidade para envolvimento da extensão com a comunidade e possibilidade de melhor formação e aplicação do conhecimento, realizaram-se várias ações interdisciplinares e intersetoriais por meio da arquitetura em trabalho livre. Nesta vontade de realizar, muitas vezes fomos apontados como “bonzinhos” pela realização de um trabalho voluntário, porém reconhecemos como forma de atuação do planejador-educador em formação na Universidade pública. A aproximação da cidade informal revelou menos normas de ação e apontou necessidades que aglutinaram mais agentes, portanto se mostraram mais receptivos a experimentos e encontros.

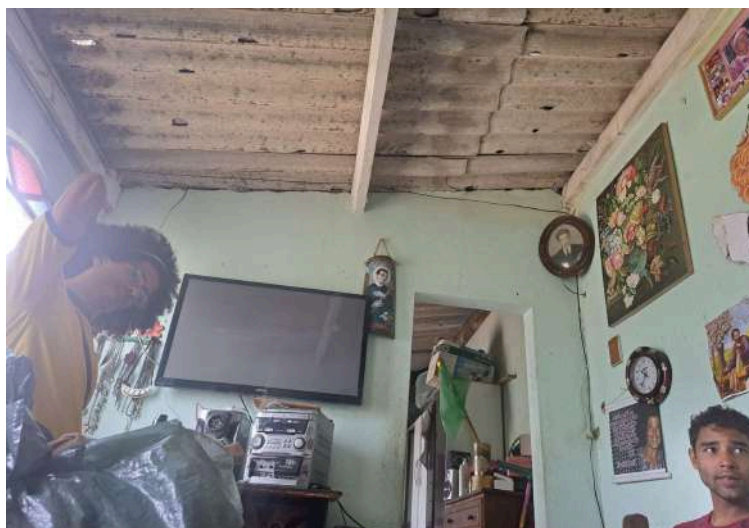


Figura 45 -Imagem do telhado furado pela chuva de granizo. Fotografia de Guilherme Silva, 2022.

Na busca de vestígios em visita a mais uma dessas famílias, com Iracema, outra mãe do bairro Araçá, contamos histórias de festas, trabalho e outras passadas, mas o que saltava aos olhos naquele momento era a recente chuva de granizo que atingiu a região. Os telhados de amianto furados gritavam e geram outras provisórias soluções das articulações possíveis e viáveis. Apontamos a aplicação de tal modo de construir e habitar uma localidade, nesse emaranhado de eventos em territórios, de forma mais respeitosa neste experimento humano/urbano de compreender e construir cidades mais justas e diversas, que parta do imprevisto de sobreviver e gere improvisos para ser mais²⁴.

PONDERAÇÕES

Ao tratar das ações realizadas por meio deste dispositivo de saber, UFSJ, ponderamos as diversas ações e meios utilizados para ampliação desse no ambiente urbano. A comum ação, realizada de acordo com o ambiente, aponta uma ampliação do meio como a mensagem, estudamos as ações neste meio como a forma de trocas de saberes. Portanto, as ações extensionistas assumem o encontro no lugar, com outros saberes e modos de agir, como principal ferramenta na sutil criação de encontros, que prezam cada vez mais pela empatia e respeito às condições e linguagens do outro.

²⁴ Conceito chave do pensamento de Paulo Freire, que indica o que move o processo de ensino e aprendizagem, a intenção de ser mais.

Na função exercida pelo professor na formação de sujeitos, apontamos como os encontros em sala de aula são insuficientes ao descobrimento de ações, de estar em um ambiente o qual não seja o domínio da abstração, reflexão e discussão de ideias. O modo para ponderar entre necessidades e confortos, na direção do esforço social para construção de um lugar democrático, parte da ampliação de percursos e ações na vivência para compreensão do ambiente urbano. Nesta aproximação durante o estágio, me posicionei mais como um ator que cumpre um papel, uma atividade do currículo, diferente do modo de ação como quando desenvolvemos o PqC, ao encontrar desejos coletivos, o que referencia a importância de sentido de vida que amplie as tarefas em ações desejantes.

As ações apresentadas nos diagramas referem-se às possibilidades de aproximação a comunidades, favelas e quilombos urbanos, em seu ritmo de vida. Ao nos aproximarmos de seu cotidiano, nos misturamos aos encontros de tropas, congadas, para o plantio, para o festejo, ao interagir com o que está disponível ampliando sentidos de palavras e percursos na cidade. Para atuação do planejador-educador frente a formação dos sentidos de urbanidade, partir das relações de complementaridade ativas na manutenção do espaço é fundamental, para outros envolvimento externos e interinstitucionais no processo de formação do lugar.

Por fim, os vestígios de ações apontadas e fragmentos no território das ações desenvolvidas, ressaltam a amálgama de valores, ações e objetos na formação do lugar. Participar da construção pelo envolvimento no cotidiano para a criação de projetos em um canteiro aberto, com o possível/viável, foi importante movimento para apropriação do lugar pela comunidade e instituição, ampliando as possibilidades de encontro e de realização de vida que constituem a comunidade. Principalmente para os envolvidos no programa que ampliaram a percepção de lugar, a partir da primeira casa, o corpo, em ações que ainda reverberam no jeito de andar.

O estudo foca em exemplos de vivência, não na criação de modelos a serem reproduzidos e programados, que orientem práticas nesta instituição em contexto de compreensão e transformação urbana brasileira. Reconhecer e interagir com os saberes de uma comunidade não é tarefa fácil frente às relações neoliberais, as possibilidades de criar um espaço urbano que se integre ao lugar de modo mais cuidadoso, deve revisar os modos

de produção a partir de dispositivos dos vários sistemas sociais, na formação do território brasileiro para ampliação de valores.

.3- Capoeira patrimônio cultural imaterial da humanidade, um dispositivo de saber popular afro-brasileiro

Este trabalho dobra a linha de pensamento para uma gira, uma volta, uma vida; começa no já iniciado e termina no seguir. Ao descrever a importância do corpo no ambiente da capoeira, indicamos como a programação e processamento é encarnada no território, e oferecemos pistas a um fazer rizomático de cidades. Ao destacar a forma urbana como forma do encontro, destacamos a reparação histórica no processo de formação de Minas Gerais, Brasil, para a produção de lugar. Apontamos os caminhos d'água como lugar para gestar esse encontro de formas de viver, no gesto ancestral de tomar água, se banhar para ampliar os modos de construir e habitar.

Ladainha:

**Capoeira tem trabalho,
trabalho de qualidade
é mandinga de escravo,
em ânsia de liberdade**

A palavra escrita, falada ou pensada tem grandes diferenças para o meio, o corpo. Começo esta descrição dobrando a escrita ao formato de um giro, assim como o rito em que é estruturada a capoeira, ciente da redução de significados que o meio escrito impõe, mas curioso sobre as aberturas durante a tradução. A ladainha de quatro versos apresentada, vem dizer sobre algo que venho me perguntando há tempos: o que pode a capoeira para construção do mundo? João Bosco da Silva, Mestre João Angoleiro, que orienta a Associação Cultural Eu Sou Angoleiro (ACESA) instiga com a resposta: “tudo e nada.” Assim mantém-se a admiração para ver o que se pode, com um pouco de tudo e/ou muito de nada nesse mundo de mutações.

Ressalvada as limitações do trabalho, partiremos para a análise do ambiente formado durante as rodas e aulas de capoeira. Venho observando este meio de comunicação como vestígio de relações de quilombo, este território em que afro-brasileiros podiam imprimir um cotidiano na reconfiguração de suas ações e objetos, a partir de vestígios da memória

materializadas em outro lugar. Apoiando-se neste, e mais outros tantos modos de contar e dançar memórias em possibilidades de fuga e preparação para ação coletiva. Hoje, frente à diversidade de perspectivas e percepções na formação do ambiente urbano, apontamos para uma leitura possível dos diversos níveis de território que compõem tal ambiente, em uma possibilidade rizomática de ações. Durante o lecionar do mestre, neste momento que o encontro, há a intenção de resgatar das tradicionais memórias cantadas, o inconsciente coletivo por antigos corridos, mantras, frases que se repetem, para assim destacar individualidades em improvisos a partir de antigos padrões, ainda observáveis no cotidiano.

Frente ao apagamento cultural realizado na diáspora africana, o Brasil como maior receptor de tal contingente, agravado nas minas de ouro e diamante que representam dura repressão devido ao valor agregado dos bens retirados daqui, deve a reparação de território e espaço para construir e habitar a partir dos vestígios de saber das diversas culturas que se misturaram forçadamente aqui. A necessidade de revitalização de espaços que valorizem a vida, os encontros, frente aos hábitos adquiridos de relações de consumo e produção distantes, necessita o enriquecimento de lugares, principalmente dentro dos grandes centros de consumo, onde se amontoam desenraizados desde a chutada abolição e ausente reforma agrária e urbana.

Se relacionar de modo mais respeitoso é um passo importante. Na diáspora, diversas culturas africanas vindas de antigos conflitos, foram obrigadas a conviver em meio a um desconhecido território. A articulação aos povos originários foi imperativa para se adaptar, comunicar e sobreviver, aceitando diferenças e gestando outro modo de ser, capoeira, do tupi *ka'apûera* - o que foi mata, novo plantio. Já hoje, neste momento de encurtamento do espaço-tempo gerado pelos meios de comunicação, é necessário partir do lugar como modo de sobrevivência e enriquecimento de formas de agir. Neste movimento o planejamento pode tomar boas lições nos gestos de respeito, entre perguntas e respostas do corpo, a partir do patrimônio cultural afro brasileiro na construção e gestão de lugares, ao oferecer fundamentos para envolvimento em ambientes não controlados e lidar com a fluidez de improvisos frente ao diferente.

Louvação:

Iê! Viva meus mestres

Iê! Viva meus mestres, camará (coro)

lê! Que vai fazer

lê! Que vai fazer, camará (coro)

lê! Com capoeira

lê! Com capoeira, camará (coro)

A capoeira foi criminalizada desde o primeiro código penal, em 1830, criminalizando vadios e mendigos segundo artigos 295 e 296, até a formação da nação brasileira, com Getúlio Vargas, em 1936. Um Fundamento da capoeira é a vadiagem, que tem tom pejorativo para quem quer produzir e precisa do outro para cumprir tal empreitada, porém o corpo vadio sabe que tem outros modos de fazer, mesmo que não estejam tão claros. Neste apagamento cultural e de território, o corpo apresenta dispositivo²⁵ de um lugar que não foi tomado, por isso, muito valorizado, “na roda o território de África era retomado, ao ver os próximos, que no olho a olho se reconheciam e tinham ali a memória do território perdido”(GERBER, Fala de Beatriz Nascimento, 4:31’, 1989). A corpografia é tão íntima a formação do capoeirista que Mestre Pastinha (1889-1981) registra:

O Capoeirista é um curioso, tem mentalidade para muita coisa, sabendo aproveitar de tudo o que o ambiente lhe pode proporcionar. E a Capoeira Angola só pode ser ensinada sem forçar a naturalidade da pessoa. O negócio é aproveitar os gestos livres e próprios de cada um. Ninguém luta do meu jeito, mas no deles há toda a sabedoria que aprendi. Cada um é cada um.

PASTINHA, 1956, p.38

Quando um mestre faz a passagem, leva consigo toda sabedoria adquirida, outros virão, mas farão a seu modo. Esta construção rizomática da capoeira expande os modos de fazer, respeitando as origens diferentes de cada lugar. É fundada no conviver com os mais velhos, assim oferece suporte ao fazer em comunidade frente ao apagamento histórico, gestando modos diferentes a cada geração de transformações tão rápidas.

Este acumulado de modos para integrar-se, é interessante parceria para a ampliação de modos de compreender e manejar com o mundo, ao tomar a causalidade e sincronicidade²⁶ como elementos conjuntos na elaboração de propostas. Com as possibilidades desse dispositivo, impresso em cada vida que por ali passa, cabe imaginar como estes dispositivos de educação popular, frente às urgências socioambientais e a

²⁵ Dispositivo: fragmento de um sistema que contém, pela sua forma e/ou ação, estética reproduzível no todo.

²⁶ Causalidade representada pelos pensamentos de causa e consequência, em uma linha descritível, a sincronicidade representa um entendimento do momento, as relações simultâneas que dão bases para o agir.

ampliação de níveis de análise e realidade, se integrarão em suas perspectivas rizomáticas na construção de lugares.

Na educação popular, o fazer é indissociável do aprendizado, se aprende de oitiva, ao ver funcionando. Após oficializada a prática o movimento de ensino/aprendizagem, passam a se formar academias, territórios para expressão cultural, a capoeira é gerada para se dobrar em qualquer situação: “É mandinga de escravo em ânsia de liberdade. Seu princípio não tem método, seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista.” (PASTINHA, 1956, p.16)

A reparação de territórios para salvaguarda de patrimônios imateriais é fundamental, ampliando as possibilidades para o habitar e construir de lugares. A leitura que fazemos da capoeira, como dispositivo de saber popular, é de um modo de adaptar-se ao diferente na diáspora através do corpo que se mistura a outros, onde as frases curtas e gestos do corpo no trabalho são os modos de se comunicar. Por meio da ampliação da composição de um desenho/canteiro que misture casualidades e sincronicidades, a imagem e o som, como ferramentas para envolver e cartografar ações em canteiros abertos na interação do habitar e construir com lugares.

Corridos:

Saí, saí Catarina

Catarina minha nega

Saí, saí Catarina (coro)

Saí de limpar azulejo

Saí, saí Catarina (coro)

Saí da cozinha do branco

Saí, saí Catarina (coro)

Catarina meu amor

tanto tempo não te vejo

ô saí da cozinha do branco

saí de limpar azulejo

Saí, saí Catarina (coro)

Catarina minha nega

Saí, saí Catarina (coro)

Saia pro mar

venha ver Idalina

Saí, saí Catarina (coro)

Catarina meu amor

cozinha no meu quilombo

o frango limpa tudo

se deixar, até lava os panos

Saí, saí Catarina (coro)

Catarina minha nega

Saí, saí Catarina (coro)

Saia pro mar

venha ver Idalina

Saí, saí Catarina (coro)

Deste fragmento da música, que se repete em improvisos encadeados sobre os versos tradicionais, compõem o estudo de situações vividas e interpretadas. Neste caso, ao trazer o objeto azulejo como dispositivo de um sistema de ações e objetos cosmo-fóbicos²⁷, narra-se a dedicação para manter o ambiente higienizado, onde em meio a contexto de escravidão ou empregos de 40 horas, Catarina se vê aprisionada.

Ao relatar sobre outro ambiente, na cozinha do quilombo, improvisado sobre a cozinha em que junto ao fogão era aceita e integrada à convivência com outros seres. Em tal ambiente de relações espontâneas, os trabalhos são realizados em arranjos, abrindo mão também do controle da situação, ampliando o tempo ao querer.

Paranauê, Paranauê, Paraná!

Paraná é terra boa

Tudo que se planta dá

²⁷ (SANTOS, 2023) A cosmo-fobia, desdobramento do pensamento monoteísta, é a idéia do lugar controlado para a vida humana, que pode ser observado no texto pelo objeto azulejo.

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Rota de fuga do escravo, Paraná

lêa, vindo de além mar

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Paraná rio cumprido, Paraná

ôo, parece até o mar

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Capoeira de Angola

um jeito que o corpo dá

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Paraná é terra boa

Paraná é B. H.

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Tem batuque todo dia

mulata de qualidade

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Se o patrão me demitir, Paraná

Sabe onde vou morar?

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Na beira do rio, Paraná

Na beira do mar, Paraná

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

Se dinheiro não correr

De fome ninguém morre, Paraná

Paranauê, Paranauê, Paraná! (coro)

A maior parte do tempo de encontro é cantando esses corridos, versos, sobre vivências ou lugares comuns que viram histórias, pelo desdobramento em vários corpos que passam por semelhante situação. Este meio permite atuação por meio de um subconsciente coletivo, interagindo sem ordenar, necessário ao momento em que a individualidade está cada vez mais deslocada do lugar ao ampliar-se a noção de verdade e referências de informações.

Em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, estão concentradas no território ações e objetos²⁸ disciplinares da produção industrial, continuação de uma colônia extrativista. Frente a crise socioambiental gerada pela manipulação predatória do ambiente e agravada pela distribuição desigual de renda e trabalho atravessamos uma grave crise socioambiental.

Junto a isso vemos o surgimento de produtos imateriais²⁹, que dispersam e invisibilizam as relações de poder junto a rede de informação, intervindo em padrões de comportamento para a coletividade, com as relações de trabalho flexibilizadas pelos aplicativos, invisibiliza cada vez mais hierarquias. Em BH vemos a rotina/cultura do meio industrial de formas, funções e estruturas³⁰ em caixas e rotinas de percurso misturar-se a horas livres, porém, de maior dedicação aos aplicativos. Neste momento surgem o tombamento de bens imateriais por cartas de patrimônio que fazem também pequenos recortes de paisagem no globo destacando diversidades e outros caminhos, como a capoeira como patrimônio cultural em 2008, pelo IPHAN.

Observando os sistemas de ações e objetos como programáveis, estas referências de patrimônio imaterial, revelam outro sistema que pode ser processado em território. Nesta paisagem de caixas funcionais e ampliações de percursos, partimos da cultura afro-brasileira, na capoeira e dança-afro, objetos de estudo da ACESA e patrimônios culturais da humanidade, para encontrar necessárias rotas para a valorização da vida e transformação do cotidiano, em mais uma tentativa de compreender o que é o ambiente urbano. Reconhecer nossa pequenez como aprendizes com o mundo, amplia o conhecimento humano, a programação no atual ambiente de controle é formada por linhas de comando, por frases imperativas sobre um banco de dados e como seria o funcionamento de um pensamento, e suas possibilidades de extensão, se formulada em perguntas situacionais e incontáveis respostas?

A água como recurso chave nesta vida nos impele a reconhecer e valorizar sua forma natural, adaptável, em constante mutação. Paranauê, tem origem no Tupi, onde Parauã significa: rio grande, caudaloso e auê uma saudação. A partir dos gestos livres do corpo e do

²⁸ No ato da criação de qualquer objeto, ações imprimem-se no espaço no ato momentâneo da criação, em uma constante retroalimentação desses dois fatores. (SANTOS, 1996)

²⁹ Produtos imateriais são programas, como Uber, Ifood, Airbnb que se apropriam de gestos espontâneos para gerenciar e mercantilizar essas ações.

³⁰ Releitura da arquitetura moderna, aos padrões adotados por Vitruvius no séc. I a.c. Forma, Venustas, Beleza - Função, Utilitas, Uso - Estrutura, Firmitas, Matéria. Autor desconhecido

rio procuramos outros sentidos que ampliem os encontros de vida no lugar. Na necessária valorização da cultura afro brasileira, para reparação histórica da diáspora e genocídio que formaram o Brasil, apontamos como caminho a uma cultura urbana em gestação (LEFEBVRE, 2001) o conhecimento de construção afrobrasileiro de território. Ao modificar a relação com a água como elemento de vida e ampliar a filosofia do design de rios e caminhos d'água, estaremos propiciando o urbano como local de encontro e aprendizado entre diferentes corpos sociais.

Ô Dalila

Tira dali bota aqui

Ô Dalila (coro)

Tira de lá bota cá

Ô Dalila (coro)

Não deixa nada parar

Ô Dalila (coro)

O verbo veio pra somar

Ô Dalila (coro)

O som das coisas a formar

Ô Dalila (coro)

Tira de lá bota cá

Ô Dalila (coro)

Cada um seu jeito dá

Ô Dalila (coro)

Tira o que é ruim, deixa lá

Ô Dalila (coro)

Trás o de bom pra somar

Ô Dalila (coro)

Na necessidade encontrar

Ô Dalila (coro)

Valor maior que Deus dá

Ô Dalila (coro)

Quem vive pra servir, serve pra amar

Ô Dalila (coro)

Tira daqui bota ali

Ô Dalila (coro)

Não deixa nada parar

Ô Dalila (coro)

A palavra dita olho a olho, tem peso tão importante quanto a palavra escrita, porém no processo de ordenamento do território por objetos e ações de amplas escalas e ordens distantes, a escrita sufocou a dita. Porém, como a cultura popular não se encontra cerrada a um ambiente os valores da palavra olho a olho, do ser necessário a comunidade que estamos envolvidos mistura-se a essa programação do território, nos espaços/tempo que encontra brechas ao construir lugares em famílias e comunidades.

Desse corrido cantado como mistura de elementos, revela um caráter incontrolável das matrizes afro-brasileiras, que possuem como fundamento uma perspectiva diversa na construção do saber e fazer de cada território. Cada casa é uma casa, cada lugar é um lugar, cada um é cada um. Em um antepassado movimento de produção coletiva, oferece pistas de como produzir um ambiente urbano a partir do lugar.

A legislação brasileira dispõe sobre os rios, córregos, nascentes, lagos e mares uma faixa ciliar para proteção a esses corpos hídricos, que muitas vezes são suprimidos, para transportes humanos ou ocupados por habitações irregulares, por espetáculo ou falta de opção. Ressaltamos este dispositivo do corpo d'água, como movimento ancestral de encontro, onde seres de todos os tipos encontram ali sustento de vida. Nos ambientes industrializados, a presença de tal elemento de encontro como mobilizador para um envolvimento na produção do território urbano é interessante possibilidade.

O capitalismo tem incrível capacidade para tudo engolir e devolver como mercadoria, para uma reestruturação de relação, temos de começar um movimento intragável, incontrolável. Interagir com a complexidade é fundamental em um processo descentralizado, de interação entre vários sistemas de território, em que cada lugar receba ideias distantes e adeque a seu modo, ou deixe de lado. A capoeira apresenta lições importantes para tal manejo, o jogo de manhas é surpreendente, o que vem a seguir?

A vadiagem para não produzir objetos de consumo e acumulação, mas sim encontros, axé, boas energias entre o dançar, cantar e sorrir. A pandemia de Covid-19 mostrou a

importância de não se mexer, ao parar cidades, indústrias e dar espaço a outros movimentos da fauna e flora, limpou rios e ares. Porém, como não se mexer vai contra a vida, devemos reformular o viver com lugares. Nas congadas, capoeiras, reinados as viagens do grupo acontecem para troca com o próximo, que estava ou esteve envolto em seu cotidiano em uma troca de informações/influências. A paisagem não é vendida como imagem de festejos e cenários, é escolhida para enriquecer os modos de andar, *'se vem a minha casa, vou a sua, alimento os seus e te apresento meu lugar'* (dito popular).

Uma fonte de água brotando em meio ao asfalto, que ao nascer é logo canalizada, não perturba o fluxo de recursos e resíduos da cidade, mas vê seu trajeto resumido a uma linha, mesmo com tantas vidas para tocar. Para poder se mover com mais liberdade são necessárias manhas, jogos de corpo, para o adaptar-se às necessidades. O design desse elemento rio para cidade é algo que envolve todo território, como outra possibilidade de pensar o rio a partir da corpografia em transformação, como possibilidade de vida.

Adeus, adeus

Boa viagem (coro)

Já vou me embora

Boa viagem (coro)

com deus

Boa viagem (coro)

Adeus, adeus

Boa viagem (coro)

Chegou a hora

Boa viagem (coro)

Vou pela sombra

Boa viagem (coro)

Por aí a fora

Boa viagem (coro)

A Deus

Boa viagem (coro)

Vai com Deus

Boa viagem (coro)

3 - Esperas

Pela diversidade de temas tratados ao longo do texto, deixaremos ao fim, esperas para continuação de trabalhos em convites a experimentação, como uma obra que dá um pequeno passo no intervalo do antes e depois. Esperamos não ter alongado descrições pessoais, a intenção era destacar as vivências compartilhadas por parte dos que conviveram nesse tempo. Porém, como pesquisa dos aprendizados populares e movimentos sociais que exigem estudos de caso, tratar de exemplos para dar pistas à ação sempre foi a intenção.

A relação dos pensamentos em sistemas de ações e objetos (SANTOS, 2008) e dispositivos (DELEUZE, 1999) para conformação de território, instiga a ampliação de modos de vida possíveis para produção de lugares. Ao traçar paralelos entre a instituição de ensino UFSJ e especulação imobiliária, por exemplo, observamos faces de um mesmo sistema. A expansão de território conquistada pelos padrões de vida, trabalho e lazer da sociedade capitalista, imprime em nosso país e em nossos hábitos relações de complementaridade que exigem cada vez mais a inserção no sistema globalitarista. Agravado ainda mais no recente contexto da expansão de produtos imateriais, que apagam e distanciam cada vez mais as ordens em nosso cotidiano para uma gestão do sistema.

A formação de cidades inteligentes passa primeiro por cidades aprendizes, ao utilizar os ambientes como meios de comunicação (MCLUHAN, 2007), apontamos aos encontros para produção de território. A complexidade pode ser apresentada como a gestão de um sistema produtivo, técnico e informacional, porém como a vida é mais abundante quando compartilhada, apontamos a um manejo da complexidade como algo que não pode ser gestado, onde a organicidade contida em nossa natureza humana, supere as contradições de um sistema para convivência com outros modos de existir. Esperas de algo menos enunciável que o apocalipse, predito de tantas e tantas formas, quando não se vê mais a reprodução de uma sociedade, por um acumulativo de saberes em que a revolução não é a negação do antigo para implantação do novo, mas a convivência entre sistemas de realidade.

A água é um potente elemento desejante, como agregadora de um design urbano que arranja saberes e agentes, e demonstra sensivelmente as relações de complementaridade para usufruto deste patrimônio. Como elemento mutável e fundamental para a sobrevivência, os arranjos gerados para salvaguarda e gestão dos corpos d'água como bens

comuns, oferecem interessantes lições para a interação com o diferente na produção do espaço. Os diversos níveis de análise e realidade, fundamentais à proposta urbana, baseiam-se em meios de comunicação diversos, para discutir e fundamentar práticas em ambientes.

A prática cumulativa e associativa de saberes na produção de seres, sujeitos históricos, proposta na corpografia como modo de pesquisa-ação é interessante meio para usufruto de toda experiência adquirida no reconhecimento e ampliação de ações. A experiência relatada no PqC, dá pistas de como a ação e direcionamento do processo de aprendizagem modifica relações na instituição, cria aberturas a partir de desejos de ação e modifica relações ao envolver-se com a produção de lugar.

Como um saber corporal, que se desenvolve pela diversidade de pessoas, o PqC apresenta um canteiro educativo, onde nas trocas de saberes integra-se à comunidade na construção do lugar. Nesse processo são realizadas articulações com outros setores da sociedade e despertam saberes da própria comunidade, sobre um poder fazer com aquele lugar. A partir dos lugares fora da ideia, nos fragmentos informais de cidade, ampliar as urbanidades dos envolvidos para que a partir da materialidade movimentada no lugar, possamos refletir sobre quais bens simbólicos temos que começar a produzir e usufruir, ao enriquecer tal cotidiano pelos gestos da cultura afro-brasileira na constante reinvenção de território. Um território onde a diversidade de um canteiro de aprendizados destaque modos de interagir com o lugar, para diminuir a entropia do sistema de produção capitalista, ao se expandir outros sistemas de ações e objetos, complexificando percursos ao conviver com outros.

Portanto as vivências são tratadas como fundamentos para uma produção de lugar que se envolva com todos, para uma produção coletiva dessa obra que é a cidade. Ao encontrar-se como necessário para comunidade a função de: andarilho, catador, varredor, pedreiro, arquiteto, químico; ficam como uma utilidade em segundo plano, para uma produção de lugar que necessita de pessoas para sua construção e fruição. As manifestações afro-brasileiras são interessantes dispositivos de uma arte/ciência do se envolver para produção rizomática do espaço.

O desvio no processo de educação formal, na ACESA, aponta para uma busca de referências a outros sistemas de ações e objetos. Em meio ao processo de apagamento histórico e desestruturada abolição da escravidão, tais dispositivos se encontram misturados

por inúmeras linhas de influência do pensamento ocidental. Porém, o dispositivo de saber analisado oferece outros modos de discurso e interlocução, no meio do fazer em constantes perguntas e respostas, onde o respeito ao que está acontecendo e a aproximação cuidadosa, oferecem boas lições para lidar com o incontrolável. O espaço urbano, do encontro, se desenrola na produção dos Brasis ao ampliar as perspectivas de formas de viver e contar histórias, de compreender e se relacionar no mundo, na construção de idéias a partir do lugar.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, J. A. **Sobre a cidade e o urbano em Henri Léfèbvre**. GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 31, p. 133 – 142. 2012

ARENDT, H. **A Condição Humana**; Rio de Janeiro, Forense Universitária. 2002

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro <<https://doi.org/10.5212/publicatioci.soc.v.23i2.0007>>. 2009

BRITO, F. & JACQUES, P. **Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade**. Cadernos PPG-AU/UFBA, 2012.

CAPANEMA, P. (2021). **Mapeando Histórias Urbanas: A história espacial de Belo Horizonte através de uma abordagem cartográfica**. Indisciplinar, 7(2), p.172–205. Recuperado de: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/38145>

CARNEIRO, E. J. **Formações territoriais urbanas em São João del-Rei (MG)** In: ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza, 2009.

CARVALHO, M. R. **Dicionário tupi (antigo) português** - Salvador, 1987.

CORGHI, F. N. ; CARVALHO, J. C. B; HIRATA, M. S.; SOUZA, H. M. **O Potencial de pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade na premissa praxiológica de um plano pedagógico de curso de arquitetura e urbanismo**; Anais Habitar. Belo Horizonte. 2015.

CAUQUELIN, A. **A Invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COSTA, A. C. **Da verdade inconveniente à suficiente: Cosmopolíticas do antropoceno**. São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Disponível em <<http://www.pucsp.br/pragmatismoVol.18,nº.1,janeiro-junho,2021,p.37-49>>

COSTA, R. B. **Comunicação e consumo: sobre a produção de modos de vida no Airbnb**. Universidade de São Paulo. Signos do Consumo, vol. 9, núm. 1, pp. 27-35, 2017

CORGHI, F. N. ; COSTA, D. C. . **A Dynamic Planner as a Sustainable Planning Way: A Bridge between the Law, Technical Knowledge and the Local Population**. Journal of Civil Engineering and Architecture (Print) , v. 9, p. 615-625, 2015. Recuperado de: <https://www.davidpublisher.com/index.php/Home/Article/index?id=8768.html>

DAVEIRA, A. S. N. **A fala do povo: A reprodução do conhecimento no saber popular**, Petrópolis, Vozes, 2ª ed. 1992

DELEUZE, G. (1996). **O que é um dispositivo?** In: G. Deleuze, O mistério de Ariana (p. 83-96). Lisboa: Vega.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. (2005) **Micropolítica: Cartografias do desejo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes.

GOMES, J. D.; GOMES, L. D.; MELLO, M. M. C. (2019). **Urbanismo tático e o direito a cidade**. Revista Políticas Públicas e Cidades. Belo Horizonte, v. 8, n. 4, pp. 40-51

DIEESE. **Salário mínimo nominal e necessário, 2022**. Disponível em:

< <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html> > Acesso em: jul. 2022.

ECO, U. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FERRO, S. **Arquitetura e trabalho livre**. Coleção Face Norte, volume 09. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

FLUSSER, V. **O Mundo Codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2010

FREHSE, F. **Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história**. Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 2001.

GERBER, R. (Direção). **Ôrí**. Brasil: Estelar Produções Cinematográficas e Culturais Ltda, 1989, vídeo (131 min), colorido. Relançado em 2009, em formato digital. Disponível em: <<https://www.facebook.com/uniaodetodasasnacoes/videos/1878768139068550/>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

GOMES, J. D.; GOMES, L. D.; MELLO, M. M. C. **Urbanismo tático e o direito a cidade**. Revista Políticas Públicas e Cidades. Belo Horizonte, v. 8, n. 4, pp. 40-51. 2019.

JACQUES, P. (org.) (2003). **Apologia da deriva, escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista**. Tradução Estela dos Santos. Rio de Janeiro, Casa da palavra.

HARVEY, D. (2005) **A produção capitalista do espaço**; trad.: Carlos Szlak, 2ª ed., São Paulo, Annablume.

HARVEY, D. (2014) **Contradicción 16: la relación del capital con la naturaleza**. In: Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo. Quito: Editorial IAEN. p 241 a 256, 1.ª ed. 15 x 24 cm. Prácticas constituyentes, n.4.

KRENAK, A. Entrevistado da série **Vozes da Floresta**, MENDONÇA, T. B. (dir.) documentário “Não verás país nenhum” <<https://www.youtube.com/watch?v=KRTJlh1os4w>>

LEFEBVRE, H. **O Direito à Cidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LOPES, J. M. **O anão caolho**. Novos Estudos, CEBRAP número 76. p. 219 a 227. <<https://doi.org/10.1590/S0101-33002006000300011>>. 2006

MAYER, J. G. M. **Ativismo cartográfico, autogestão e o comum urbano**. Interfaces - Revista de Extensão da UFMG, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p.332-352. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/20368/19542>. 2020

MARICATO, E. **As ideias fora do lugar, e o lugar fora das ideias**. A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Coleção Zero à esquerda, Petrópolis, Vozes. 2000

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MINAS GERAIS. **Decreto nº 47.227, de 02 de agosto de 2017**. Dispõe sobre a Educação Integral e Integrada na rede de ensino pública do Estado. Diário oficial do Estado de Minas Gerais: col. 2, Belo Horizonte, p. 1, 03 ago. 2017.

MONTANER, J; Muxí, Z. **Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili. 2014

NASCIMENTO, N; BERTRAND-KRAJEWSKI, J.; BRITO, A. **Águas urbanas e urbanismo na passagem do século XIX ao XX**. Minas Gerais, Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

NOBRE, M. R; & CORGHI, F. N. (2019). **Ativismo urbano: a construção da horta comunitária de Ritópolis - MG**. *Indisciplinar*, 5(2), 108–137. Recuperado de: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/29763>)

NOGUEIRA, P. C. E; Portinari, D. B; **Urbanismo tático e a cidade neoliberal**. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 9, p. 177 - 188, 2016.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Triom : São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, F. **O vício da virtude: autoconstrução e acumulação capitalista no Brasil**. Novos Estudos; número 74. p. 67-85. <http://www.scielo.br/pdf/nec/n74/29640.pdf>. 2006

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** - Porto Alegre: Sulina, 2009. 207 p.

PASTINHA, V. F. **Quando as pernas fazem miserer**. Manuscritos, Bahia, 1956. 251 p.

RIBEIRO, A; SILVA, C. & SCHIPPER, I. **Cartografia da ação e a juventude na cidade: trajetórias de método**. Rio de Janeiro, Lamparina, CAPES: 2011.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro. A formação e o Sentido do Brasil.** 1ª ed. 1995 – 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, A. B. **A terra dá a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**(1996),4ªed. São Paulo, editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal;** Rio de Janeiro; Record, 2008.

SENNETT, R. **Carne e Pedra, o corpo e a cidade na civilização ocidental;** tradução de Marcos Aarão Reis; Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

SILVA, G. S; NOGUEIRA, H. L. C; BARCIA, L. T. P; NEGREIROS, A. B; HIRATA, M. S. **Parque Escola Chacrinha: intervenções ambientais, culturais e urbanas,** XIII Semana de Extensão Universitária; São João del-Rei. 2017

RIBEIRO, A. C. T. **Urbanização sem urbanidade: Um cenário de incertezas.** Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 16, p. 556 – 590, 1995.

ROSSI, D; MOON, R. **O design contemporâneo: as premissas epistemológicas acerca do agora. Um estudo do design que se faz em tempo real;** Páginas 049 a 071 en La Trama de la Comunicación, Volume 25 Número 1, 2021.

UNESCO. **Text of the Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage.** Unesco, Paris, 2003. Disponível em: <<https://ich.unesco.org/en/convention>> Acesso em: 18 de set de 2023.

VILLAÇA, F. **Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil.** In: DÉAK, Csaba; SCHIFFER, Sueli R. (Org.). O processo de urbanização no Brasil. São Paulo, Edusp, 1999. p.169-244.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte – um paralelo entre arte e ciência.** Campinas: Autores Associados, 2006.

Lista de figuras

Fig. 1 - Montagem de Mapa mundi-1507

<https://artsandculture.google.com/asset/mapa-do-mundo-atualizado-com-as-descobertas-de-am%C3%A9rico-vesp%C3%BAcio-martin-waldseem%C3%BCller/xwEn4JtN7kPmbQ?hl=pt-BR>

Fig. 2 - Fotografia, American way of life

<https://collections.mfa.org/objects/172490>

Fig. 3 - Trabalho em caneta nanquim, pastel em óleo, grafite, a partir de perfil topográfico retirado do google earth.

Fig. 4 - Fotografia névoa Ouro Preto

Fig. 5 - Fotografia resíduos alumínio

https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2022/05/30/interna_gerais.1370039/fumaca-toma-o-ceu-de-bairro-em-ouro-preto-e-preocupa-moradores.shtml

Fig. 6 - Ilustração do autor

Fig. 7 - Fotografia do autor, retirada em 2015

Fig. 8 - Fotografia do autor, retirada em 2015

Fig. 9 - Fotografia do autor, retirada em 2014

Fig. 10 - Fotomontagem do autor

Fig. 11 - Fotografia do autor, retirada em 2023

Fig. 12 - Fotografia do autor, retirada em 2023

Fig. 13 - Ilustração do sistema circulatório

Fig. 14 - Ilustração do programa de dna

Fig. 15 - Mapa de Saturnino de Brito na planejamento de Belo Horizonte, retirado de: NASCIMENTO, n.o.; BERTRAND-KRAJEWSKI, j.l.; BRITTO, a.l. águas urbanas e urbanismo na passagem do século xix ao xx, 2013.

Fig. 16 - Imagens de satélite, disponíveis em: <<https://www.google.com.br/earth/>>

Fig. 17 - Imagens de satélite, disponíveis em: <<https://www.google.com.br/earth/>>

Fig. 18 - Fotografia do Programa de Extensão Parque Chacrinha

Fig. 19 - Fotografia do Programa de Extensão Parque Chacrinha

Fig. 20 - Fotografia do Programa de Extensão Parque Chacrinha

Fig. 21 - Fotografia do Programa de Extensão Parque Chacrinha

Fig. 22 - Fotografias de: Eder Henrique, Fernanda Martins e Sthefane Barreto.

disponíveis em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100071282471691>>

Fig. 23 - Fotografia do autor retirada em 2022

Fig. 24 - Diagrama retirado do artigo: Um planejador dinâmico como forma de planejamento sustentável

Fig. 25 - Diagrama retirado do artigo: Um planejador dinâmico como forma de planejamento sustentável

Fig. 26 - Ilustração do autor em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.

Fig. 27 - Fotografia aérea obtida e modificada com o Google Earth.

Fig. 28 - Fotografia aérea obtida e modificada com o Google Earth.

Fig. 29 - Destaques de Ilustração em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.

Fig. 30 - Destaques de Ilustração em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.

Fig. 31 - Destaques de Ilustração em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.

Fig. 32 - Destaques de Ilustração em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.

Fig. 33 - Destaques de Ilustração em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.
Fig. 34 - Destaques de Ilustração em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.
Fig. 35 - Destaques de Ilustração em papel, grafite, nanquim e caneta marca texto.
Fig. 36 - Mapa de percursos na cidade de SJDR, realizado em Photoshop.
Fig. 37 - Fotografia de atividades na disciplina, retiradas por Fernanda Corghi, retirada em Março de 2023.
Fig. 38 - Fotografia de atividades na disciplina, retiradas por Fernanda Corghi, retirada em Março de 2023.
Fig. 39 - Fotografia de atividades na disciplina, retiradas pelo autor, retirada em Maio de 2023.
Fig. 40 - Fotografia retirada durante atividade, autor desconhecido, retirada em Junho de 2023.
Fig. 41 - Fotografia da exposição, autor desconhecido.
Fig. 42 - Fotografia de objetos em casa de Guilherme Souza, retirada em Novembro de 2022.
Fig. 43 - Fotografia de Guilherme Souza, retirada em Novembro de 2022.
Fig. 44 - Fotografia de autor desconhecido.
Fig. 45 - Fotografia de Guilherme Souza, retirada em Novembro de 2022.

Lista de abreviaturas

ACESA - Associação Cultural Eu Sou Angoleiro

DNA - Ácido Desoxirribonucleico

LCI - Linha de Crédito Imobiliário

IPHAN - Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PqC - Parque-Escola Chacrinha

UFSJ - Universidade Federal de São João del-Rei

MG - Estado de Minas Gerais

NINJA - Núcleo de Investigação e Justiça ambiental

PIPAUS - Programa Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade